



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
Faculdade de Ciências Aplicadas

RODOLFO BASSANI

LIBERDADE E NATUREZA NA OBRA DE HENRY DAVID THOREAU

LIMEIRA  
2025

RODOLFO BASSANI

**LIBERDADE E NATUREZA NA OBRA DE HENRY DAVID THOREAU**

*Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências Aplicadas da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para obtenção do título de Mestre em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.*

*Orientador:* Prof. Dr. Mauro Cardoso Simões.

*Coorientador:* Prof. Dr. Rodrigo Alberto Toledo.

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELO ALUNO RODOLFO BASSANI, E ORIENTADA PELO PROF. DR. MAURO CARDOSO SIMÕES.

LIMEIRA  
2025

Ficha catalográfica  
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)  
Biblioteca da Faculdade de Ciências Aplicadas  
Ana Luiza Clemente de Abreu Valério - CRB 8/10669

B293L Bassani, Rodolfo, 1995-  
Liberdade e natureza na obra de Henry David Thoreau / Rodolfo Bassani.  
– Limeira, SP : [s.n.], 2025.

Orientador: Mauro Cardoso Simões.  
Coorientador: Rodrigo Alberto Toledo.  
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas  
(UNICAMP), Faculdade de Ciências Aplicadas.

1. Ética. 2. Liberdade. 3. Natureza. I. Simões, Mauro Cardoso. II. Toledo,  
Rodrigo Alberto. III. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).  
Faculdade de Ciências Aplicadas. IV. Título.

Informações complementares

**Título em outro idioma:** On liberty and nature in Henry David Thoreau's works

**Palavras-chave em inglês:**

Ethics

Freedom

Nature

**Área de concentração:** Modernidade e Políticas Públicas

**Titulação:** Mestre em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

**Banca examinadora:**

Mauro Cardoso Simões [Orientador]

Rafael de Brito Dias

Antonio Djalma Braga Junior

**Data de defesa:** 20-02-2025

**Programa de Pós-Graduação:** Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas e  
Sociais Aplicadas

**Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS)**

Não se aplica

**Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)**

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0003-2497-5761>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/6404848239576897>

## Folha de Aprovação

Prof. Dr. Mauro Cardoso Simões (orientador)  
Faculdade de Ciências Aplicadas - FCA/Unicamp

Prof. Dr. Rafael de Brito Dias (membro)  
Faculdade de Ciências Aplicadas - FCA/Unicamp

Prof. Dr. Antonio Djalma Braga Junior (membro externo)  
Faculdade São Basílio Magno

A ata de defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no processo de vida acadêmica do aluno.

## **AGRADECIMENTOS**

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Agradecemos também à Agência Eslovaca de Informação Acadêmica (SAIA, n. o.) pelo apoio para a realização de atividades de mobilidade internacional junto à Universidade de Prešov, Eslováquia.

*“Quão vão é sentar-se para escrever  
sem antes ter se levantado para viver!”*

**Henry David Thoreau, Journals**  
**19 de agosto de 1851**

## RESUMO

Esta pesquisa se insere num contexto de ampliação das reflexões sobre o pensamento de Henry David Thoreau no ambiente acadêmico brasileiro e defende que suas contribuições, para além da Literatura, se expandem para outros campos. Busca-se entender alguns temas centrais nas obras de Thoreau, destacadamente relacionados à ética e ao meio ambiente, e identificar relações destes temas com a Filosofia e a Geografia. Para tanto, o estudo se dedica, inicialmente, à compreensão do contexto em que viveu e de sua genealogia intelectual. A seguir, discute-se alguns dos temas a que se dedicou, destacadamente liberdade e natureza, relacionando-os a outros conceitos, temas e autores. Trata-se de um estudo teórico, descritivo e exploratório, baseado em revisão de literatura especializada. A discussão demonstra que Thoreau buscava a reforma moral de seu tempo baseado na transformação individual em busca de autenticidade, espontaneidade e alinhamento da prática à consciência, defendendo o respeito à esfera pessoal dos indivíduos, e a intuição e a experiência como caminhos para uma vida de respeito às “leis superiores”. A natureza participa desse processo como fonte de regeneração e exemplo de harmonia, interpretações inspiradas inicialmente por um sentimento espiritual e divinizante, complementado, no período de maturidade, por influências naturalistas. Thoreau representa o seu tempo tanto na escala local quanto na ampliada tendo em vista seu foco no indivíduo em assuntos de liberdade e pela secularização das explicações do mundo que se seguiram ao romantismo, proporcionando contribuições a diversas áreas do conhecimento.

**Palavras-chave:** Henry David Thoreau; liberdade; natureza; ética; história do pensamento.

## ABSTRACT

This research is situated within the context of expanding discussions on Henry David Thoreau's thought in the Brazilian academic environment and argues that his contributions, beyond Literature, extend into other fields. The aim is to understand some central themes in Thoreau's works, particularly those related to ethics and the environment, and to identify connections between these themes and Philosophy and Geography. To achieve this, the study first focuses on understanding the context in which Thoreau lived and his intellectual genealogy. Then, it discusses some of the themes he engaged with, notably liberty and nature, relating them to other concepts, topics, and authors. This is a theoretical, descriptive, and exploratory study based on a review of specialized literature. The discussion demonstrates that Thoreau sought the moral reform of his time based on individual transformation in pursuit of authenticity, spontaneity, and alignment of practice with consciousness, advocating for respect for the individuals' personal spheres, and for intuition and experience as paths to a life in accordance with "higher laws". Nature plays a role in this process as a source of regeneration and a model of harmony, interpretations initially inspired by a spiritual and divinizing sentiment, complemented in his later years by naturalistic influences. Thoreau represents his time both on a local scale and on a broader one, given his focus on the individual in matters of liberty and the secularization of explanations of the world that followed Romanticism, contributing to various fields of knowledge.

**Keywords:** Henry David Thoreau; liberty; nature; ethics; history of thought.

## LISTA DE ABREVIATURAS

<b>WA</b>	Walden, ou a vida nos bosques [ <i>Walden, or life in the woods</i> ]
<b>CA</b>	Caminhada [ <i>Walking</i> ]
<b>DC</b>	Desobediência civil [ <i>Civil Disobedience</i> ]
<b>EM</b>	A escravidão em Massachusetts [ <i>Slavery in Massachusetts</i> ]
<b>JO</b>	Diários [ <i>Journals</i> ]
<b>FM</b>	As florestas do Maine [ <i>The Maine Forests</i> ]

## SUMÁRIO

<b>SEÇÃO 1: INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
1.1 Contexto da pesquisa e objeto de estudo .....	11
1.2 Motivações e objetivos .....	13
1.3 Estrutura do texto .....	15
<b>SEÇÃO 2: A CONSTRUÇÃO DO PENSAMENTO THOREAUVIANO: DA TEOLOGIA UNITARISTA À GEOGRAFIA DE HUMBOLDT</b> .....	<b>19</b>
2.1 Unitarismo e <i>self-culture</i> .....	20
2.2 Transcendentalismo e reforma moral .....	23
2.3 <i>Self-reliance</i> e <i>Nature</i> : a influência marcante de Emerson.....	26
2.3.1 A divinização da natureza.....	27
2.3.2 A autoconfiança.....	29
2.4 Transições do século XIX.....	32
2.4.1 A individualização da liberdade.....	34
2.4.2 Secularização do mundo e o conhecimento da natureza.....	38
<b>SEÇÃO 3: CONSIDERAÇÕES SOBRE LIBERDADE E NATUREZA EM THOREAU</b> .....	<b>44</b>
3.1 Natureza, ética e civilização: o legado ambientalista de Thoreau .....	44
3.1.1 Filosofias de preservação ambiental.....	46
3.1.2 <i>Wildness</i> e <i>wilderness</i> : o espírito e as áreas selvagens.....	51
3.1.3 Pioneirismo ecológico .....	54
3.2 Fidelidade à consciência: a individualidade e a ética da desobediência.....	57
3.2.1 Individualidade e liberdade entre Mill e Thoreau .....	60
3.2.2 <i>A Escravidão em Massachusetts</i> e a coletividade da liberdade.....	64
3.2.3 Resistência à injustiça e desobediência civil .....	67
<b>SEÇÃO 4: CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>71</b>
4.1 Por caminhos interdisciplinares .....	76
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>80</b>

## SEÇÃO 1: INTRODUÇÃO

### 1.1 Contexto da pesquisa e objeto de estudo

Este estudo é o resultado de uma pesquisa de pós-graduação realizada no âmbito do Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (ICHSA), oferecido pela Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), e foi desenvolvida junto ao Grupo de Pesquisa Ética e Sociedade, afim à linha de pesquisa “Mudanças tecnológicas e condição humana”, coordenado pelo Prof. Dr. Mauro Cardoso Simões.

Atividades de formação específica acompanharam-na ao longo dos anos. Vários dos tópicos cobertos pelos cursos cumpridos são aqui retomados para fundamentar discussões, como a interdisciplinaridade das ciências humanas e sociais aplicadas, as relações Estado-sociedade na contemporaneidade, a filosofia e a epistemologia da Geografia, a liberdade na filosofia política do século XIX, e a construção do pensamento estadunidense. Além disso, o processo contou com a realização de estágio de capacitação docente no ensino superior com atividades de suporte ao Prof. Simões durante o oferecimento do componente formativo “Ética e Cidadania” para estudantes de graduação da FCA/Unicamp, em 2021. Por fim, algumas das discussões aqui realizadas foram apresentadas, ou suas realizações estimuladas por debates em eventos acadêmicos, tais como durante a 5ª Conferência Internacional em Pesquisa em Humanidades e Ciências Sociais (Berlim/Alemanha, 2021) e o VI Encontro Integrado de Pós-Graduação e Pesquisa da FCA (Limeira/Brasil, 2024), entre outros eventos nacionais e internacionais.

Tendo em vista o caráter subjetivo e contingente do fazer científico (Livingstone, 2003), é importante reconhecer e explicitar a influência da formação e dos valores dos pesquisadores na seleção de um objeto de estudo e na coleta, tratamento e interpretação dos dados (Hennink, Hutter & Bailey, 2020), pois, como diz Thoreau (WA, 2018, p. 17), apesar de por vezes oculta “é sempre a primeira pessoa que está falando”. Este trabalho,

assim, reflete o contexto do autor, formado na tradição disciplinar da Geografia, e também dos agentes envolvidos nas diversas interações pelas quais passou, destacadamente dos orientadores, Prof. Simões e Prof. Dr. Rodrigo Alberto Toledo, que se dedicam a temáticas diversas dos campos da Filosofia e das Ciências Sociais. A escolha dos temas de estudo, assim como o processo de investigação, buscou adotar uma perspectiva interdisciplinar de forma tal que as três grandes áreas mencionadas contribuem e interagem ao longo do texto.

O objeto de estudo desta pesquisa é a obra de Henry David Thoreau, escritor estadunidense do século XIX (1817-1862), mais especificamente suas contribuições sobre os temas da liberdade e da natureza.

Thoreau é autor de um grande número de obras, como *Walden* (1854), *Desobediência Civil* (1849), *A escravidão em Massachusetts* (1854), *Caminhada* (1862), *Vida sem princípio* (1863), *A dispersão das sementes* (1860), *As florestas do Maine* (1864), *Uma semana nos rios Concord e Merrimack* (1849), além de poemas, cartas, e um diário pessoal que manteve durante a maior parte de sua vida (1837-1862). Hunt (2019) discute a ética, a política e a natureza nas obras de Thoreau, e sintetiza que o grande objeto de dedicação do autor é responder à pergunta sobre como se deve viver. Seus interesses são, assim, bastante diversos. Em *Desobediência Civil*, Thoreau tratou da relação entre o indivíduo, a sociedade e o governo, defendendo a oposição à injustiça, a despeito do cumprimento ou não da lei. Em *Walden*, desenvolveu problemas sobre o conhecimento e sobre a natureza da natureza e do humano (Hunt, 2019). Enfim, Thoreau lidou com processos ecológicos, política, escravidão, estética, religião, literatura e outros temas, e diversas áreas do conhecimento podem se beneficiar de suas contribuições por alguma perspectiva.

## 1.2 Motivações e objetivos

A motivação original para a realização deste estudo foi a verificação de um potencial pouco explorado para a reflexão ética e geográfica nas obras de Thoreau. Leituras direcionadas indicaram que muitas das ideias do autor interagem ao redor dos temas da liberdade e da natureza, com destaque para a escala dos indivíduos e suas consciências. Estes dois temas, liberdade e natureza, foram, então, tomados como referência para este estudo. Ademais, ambos nucleiam inúmeras discussões contemporâneas, o que complementa a relevância acadêmica explicitada acima com a relevância social de contribuir para o avanço de reflexões críticas sobre o mundo atual.

Tendo sido tomado de assalto pela ultradireita globalmente, o termo “liberdade” tem por vezes soado como conceito violento e excludente, pressupondo a preponderância de uns sobre outros a partir de aspectos étnicos, religiosos, socioeconômicos, de gênero, de nacionalidade, entre outros. A abordagem que propõe Thoreau, ainda que privilegie o indivíduo e a consciência individual como guia para as ações e, portanto, sustentáculo para a liberdade, busca reduzir as possibilidades de manipulação e opressão da maioria sem, contudo, aceitar que elas se invertam de direção. Em linhas gerais, se aproxima, nesse sentido, da abordagem do filósofo inglês John Stuart Mill (1806-1873), que reservava o âmbito do indivíduo para ele próprio desde que cumprida a condição fundamental de não causar danos a terceiros. Esta relação é discutida na seção 3, assim como outros elementos importantes da concepção de liberdade de Thoreau, como a efetivação prática da consciência moral e o aprimoramento da sociedade.

A atualidade das discussões sobre a natureza se dá sobretudo pelos impactos das mudanças climáticas e pela busca pelo chamado desenvolvimento sustentável. Sua capilaridade, porém, atinge inúmeras áreas da ciência e da vida de forma geral. Compreender a história do pensamento sobre a natureza e refletir sobre a relação dos humanos com os espaços naturais proporciona maior capacidade crítica na lida com o

tema nos dias de hoje. A maneira como o autor via essa relação e suas contribuições para a preservação e para a abordagem ecológica da natureza são alguns dos assuntos destacados.

As reflexões de Thoreau, em especial as relativas à liberdade e à natureza, impactaram movimentos sociais e filosofias de preservação ambiental desenvolvidas e popularizadas durante o século XX, sendo os temas pelos quais Thoreau mais se tornou conhecido. Assim, ainda que este trabalho não trate do século XXI propriamente, impacta o mundo atual ao contribuir para a qualificação do debate sobre duas questões relevantes destes tempos.

Outro aspecto relevante no estudo das obras de Thoreau se dá pelo contexto em que escrevia, já que durante o século XIX, além das grandes transformações sociais, houve também relevantes alterações na forma como o ocidente interpretava e explicava o mundo, tanto em termos sociais quanto naturais. Thoreau manifesta esta transição de diversas formas, o que lhe confere relevância não apenas a respeito de suas contribuições diretas ao conhecimento, mas também como representante de um processo de mudança epistemológica. Embora tenha perpassado o entendimento do mundo de forma geral, particularmente as modificações operadas em relação aos temas de interesse é que são aqui discutidas, isto é, a centralidade que ganha o indivíduo no trato da liberdade e a secularização das explicações sobre o mundo natural.

Por fim, acrescentar à escassa bibliografia disponível em língua portuguesa sobre o pensamento thoreauviano foi outro fator de motivação por contribuir para a ampliação do acesso às ideias do autor, estimulando que o interesse e os debates se multipliquem e se qualifiquem. Baseado nisto, para facilitar o acesso aos textos, todas as citações em língua estrangeira foram traduzidas para a língua portuguesa, e edições em língua portuguesa, sempre que possível, foram priorizadas.

O objetivo geral deste estudo é, portanto, compreender o pensamento de Thoreau a respeito da liberdade e da natureza em suas origens, desenvolvimentos e contribuições. Foram elencados, também, três objetivos secundários:

1. Traçar paralelos entre o pensamento de Thoreau e outros escritores e temas da Filosofia e da Geografia, buscando auxiliar a compreensão de suas abordagens sobre a liberdade e sobre a natureza.
2. Discutir as relações de Thoreau com o pensamento geográfico, e, particularmente, com a sistematização da Geografia moderna no século XIX.
3. Reiterar a importância da interdisciplinaridade para a compreensão mais ampla dos objetos de estudo em humanidades.

### 1.3 Estrutura do texto

O estudo é estruturado em quatro seções. A abordagem empregada adotou uma perspectiva interdisciplinar, reconhecendo a fecundação recíproca entre campos do saber científico (Pombo, 2008) ao sugerir que existem contribuições de Thoreau que superam as fronteiras disciplinares da Literatura. Obras de Thoreau são referenciadas ao longo de todo o texto, constituindo a fonte primária de dados deste estudo. Dadas suas dimensões<sup>1</sup>, revisões detalhadas foram limitadas a algumas delas, sendo as demais ocasionalmente consultadas em arquivos digitais de domínio público disponibilizados pelo *The Walden Woods Project*<sup>2</sup>, instituição que preserva o legado do autor. As principais obras estudadas foram *Walden*, *Desobediência Civil*, *A escravidão em Massachusetts* e *Caminhada*. As duas primeiras, ademais, são as publicações mais reconhecidas do autor, tendo influenciado

---

<sup>1</sup> O compêndio *The writings of Henry David Thoreau in twenty volumes*, da Houghton, Mifflin and Company, publicado em Boston, em 1906, totaliza quase 9800 páginas.

<sup>2</sup> *The Walden Woods Project*. Fundado em 1990 por Don Henley, da banda Eagles, o projeto realiza ações em preservação ambiental, educação, entre outras áreas, além de manter, digitalizar e disponibilizar escritos de Thoreau. Mais informações: <https://www.walden.org/>.

diversas personalidades e movimentos, e, assimiladas à cultura popular, tornaram-se os caminhos mais comuns de contato com seu pensamento.

A primeira seção introduz o conteúdo, os objetivos e as motivações da pesquisa.

A segunda seção busca explicitar as principais influências sobre o pensamento thoreauviano para que se possa compreender os contextos histórico-geográfico e epistemológico em que se localizam suas obras e que as motivam. Intitulada *A construção do pensamento thoreauviano: da teologia unitarista à geografia de Humboldt*, trata, inicialmente, da influência do Unitarismo sobre Thoreau. A obra de referência utilizada para esta discussão é *Thoreau: moralidade em primeira pessoa* (2018), publicada a partir da tese de doutorado do filósofo brasileiro Eduardo Vicentini de Medeiros, provavelmente a maior referência em língua portuguesa sobre Thoreau, com contribuições também de William Ellery Channing com a obra *Self-culture* [Cultura de si] (1843).

Na sequência, e diretamente relacionado ao contexto unitarista, discute-se, com o suporte de Newman (2003), a relação do Transcendentalismo com o pensamento de Thoreau e a busca por uma reforma ética em seu tempo, seguidas pelas influências que Ralph Waldo Emerson, ex-ministro unitarista e principal referência transcendentalista teve sobre Thoreau, sobretudo até o início da década de 1850. Medeiros (2018) permanece como referência importante, somado às próprias obras de Emerson, particularmente *Nature* [Natureza] (1836) e *Self-reliance* [Autoconfiança] (1841).

No encerramento da seção discute-se a transição epistemológica do século XIX a respeito da individualização da liberdade e da secularização dos estudos sobre a natureza para identificar, além do contexto específico em que Thoreau viveu, também o movimento amplo dos temas de interesse deste estudo. A primeira parte apresenta uma breve retomada geral do conceito de liberdade com base no *Dicionário de Filosofia* (2007) de Nicolà Abbagnano, seguida pela apresentação da centralidade que ganha o indivíduo na efetivação da liberdade na modernidade, a partir da obra *Da liberdade dos antigos comparada à dos modernos* (1819), de Benjamin Constant de Rebecque. A segunda parte é focada na

ascensão de formas seculares de interpretação dos fenômenos naturais e da paisagem, e na sistematização da Geografia como ciência moderna. As principais obras utilizadas na construção dos argumentos foram *Geografia: pequena história crítica* (2007), do geógrafo brasileiro Antonio Carlos Robert Moraes, o artigo *Hiding Places: Thoreau's Geographies* [Lugares de Esconderijo: as Geografias de Thoreau] (2001), do geógrafo estadunidense John Pipkin, e a obra *Seeing New Worlds: Henry David Thoreau and Nineteenth-Century Natural Science* [Vendo Novos Mundos: Henry David Thoreau e a Ciência Natural do Século XIX] (1995), da filósofa estadunidense e estudiosa de Thoreau Laura Dassow Walls. Os filósofos da ciência Michel Foucault (1999) e Paolo Rossi (1992) fundamentaram as considerações sobre a transição epistmeológica ampla efetivada no século XIX.

A partir das explicitações sobre as condições de produção do pensamento thoreauviano, a terceira seção lida diretamente com as concepções do autor sobre liberdade e sobre natureza. Intitulada *Considerações sobre natureza e liberdade na obra thoreauviana*, a seção aborda, inicialmente, como Thoreau lidava com o mundo natural, destacando-se a relação entre os humanos e a natureza e as influências que exerceu sobre os movimentos ambientalistas que surgiam, sobretudo à ética romântico-transcendental da preservação e à ética ecológico-evolutiva da terra. Discute-se, também, a transição de Thoreau de autor transcendentalista para naturalista, destacando-se seu estudo de ecologia espacial *A dispersão das sementes* (1860). Estas discussões são subsidiadas pela obra de Antonio Carlos Sant'Ana Diegues *O mito moderno da natureza intocada* (2008), pelo artigo *Whither conservation ethics?* [Para onde vai a ética da conservação?] (1990), do filósofo ambiental estadunidense J. Baird Callicott, e pela obra *The philosophy of Henry Thoreau: ethics, politics and nature* [A Filosofia de Henry Thoreau: Ética, Política e Natureza] (2019), do filósofo estadunidense Lester Hunt.

A seção é concluída com a discussão sobre a liberdade em Thoreau, destacando-se a centralidade da individualidade, a partir de aproximações com a obra *Sobre a liberdade* (1859), de John Stuart Mill, a importância da transformação moral da sociedade para a

efetivação da liberdade individual a partir da obra *A escravidão em Massachusetts* (1854), e a prática da desobediência civil como manifestação do alinhamento da consciência individual à prática social, subsidiado por reflexões do *Discurso sobre a servidão voluntária* (1576) de Étienne de La Boétie.

A última seção retoma e discute alguns dos temas tratados anteriormente de forma geral, e indica possíveis caminhos para pesquisas futuras, argumentando pela investigação interdisciplinar da obra thoreauviana.

## SEÇÃO 2: A CONSTRUÇÃO DO PENSAMENTO THOREAUVIANO: DA TEOLOGIA UNITARISTA À GEOGRAFIA DE HUMBOLDT

Henry David Thoreau nasceu em Concord, Massachusetts, nos Estados Unidos, em 12 de julho de 1817, onde viveu praticamente por toda a vida, à exceção do período em que esteve em Cambridge enquanto realizava seus estudos na Universidade de Harvard (1833-1837). Os ambientes de Concord e de Harvard foram, de fato, da maior influência em sua visão de mundo: o contexto intelectual trazido pelo Unitarismo, pelo Transcendentalismo, pelo romantismo e pela filosofia de língua inglesa, além das transformações sociais e tecnológicas da região lhe forneceram matéria-prima em abundância que empregou na formulação de escritos sobre inúmeros temas, produzindo diversos títulos sob a forma de ensaios, narrativas, relatos de viagem, poesias e entradas em um diário pessoal. Nesta seção, são discutidas algumas das principais influências para o pensamento de Thoreau, buscando enfatizar seu interesse pelo aperfeiçoamento moral, pelo caráter individual deste aprimoramento e o papel da natureza neste processo. Como já mencionado, Thoreau tratou de diversos temas com vistas a refletir sobre como se deve viver (Hunt, 2019). Assim, os contextos particular e geral em que vivia são centrais para compreender as origens e motivações para suas reflexões.

Eduardo Vicentini de Medeiros, docente da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM/RS), é um dos pesquisadores brasileiros que mais se dedicou à obra de Thoreau. Em sua tese de doutorado, posteriormente publicada como livro, intitulada *Thoreau: moralidade em primeira pessoa* (2018), o autor analisa a genealogia intelectual, a vida e a obra de Thoreau para afirmar a relevância de seus textos para a Filosofia Moral. Destaca, porém, que Thoreau não apresenta em suas obras preocupação com a elaboração de sistemas e teorias. Lester Hunt, da Universidade de Wisconsin (EUA), também assim entende, e afirma, em *The philosophy of Henry Thoreau: ethics, politics and nature* (2019, p. 8), que “Thoreau está frequentemente tentando demonstrar ao invés de teorizar”. Na mesma

linha, Nunes Simões (2010, p. 56) afirma, a respeito de *Walden*, que os termos importantes têm seus “contornos pouco definidos” e sua interpretação depende em grande medida da ação do leitor. Esta condição, aliada ao interesse pela experiência a despeito do rigor teórico, e ao fato de o autor não propor teorias e sistemas estruturados (Medeiros, 2018; Hunt, 2019) faz com que suas concepções não estejam sistematicamente expressas, mas sim difusas em sua ampla obra, e por vezes inclusive em contradição. A despeito disso, certos interesses e posições de Thoreau são constantes, sugerindo uma coerência ao seu pensamento.

Para construir o caminho para explicitá-los, nas próximas páginas são apresentadas as principais influências e filiações intelectuais de Thoreau com o objetivo de se compreender as motivações e fundamentos de seu pensamento. Inicialmente, discute-se o Unitarismo da Nova Inglaterra<sup>3</sup> do século XIX e sua influência para a abordagem individual da moral em Thoreau. A seguir, apresenta-se o impacto do Transcendentalismo na construção do reformador moral que se pretende Thoreau, e do pensamento de Ralph Waldo Emerson, como o sentimento sobre a natureza, a autoconfiança e o desprezo pelas falsas necessidades. Por fim, discute-se o contexto epistemológico mais amplo do século XIX em que Thoreau estava envolto, em especial quanto aos temas da liberdade e da natureza, fundamentando, na seção seguinte, discussões sobre as propostas thoreauvianas propriamente.

## 2.1 Unitarismo e *self-culture*

O Unitarismo é uma corrente do liberalismo cristão dissidente da ortodoxia calvinista, presente institucionalmente na Nova Inglaterra desde 1787. Assim

---

<sup>3</sup> Região extraoficial, no extremo noroeste dos EUA, de grande valor histórico na constituição daquele país e que compreende os estados de Maine, Vermont, New Hampshire, Massachusetts, Connecticut e Rhode Island, tendo Boston, a 20 km de Concord, como centro.

denominado pelo foco na unidade de Deus em contraposição à doutrina da trindade, o Unitarismo advém do Arminianismo, que chegara à Nova Inglaterra no século XVIII e que era contrário à doutrina da predestinação e à negatividade sobre o humano trazidas pelo Calvinismo (Duban, 1987). A partir dessas discordâncias, o Unitarismo defendeu que a ação das pessoas não era indiferente, mas que poderia tanto contribuir quanto obstruir a ação da Providência. Assim, o Unitarismo reduziu o peso do pecado original e ampliou a responsabilidade dos indivíduos sobre a própria vida (Holmes, 1929), dando ênfase à razão, à agência humana e ao valor da consciência (Hall, 2014) e buscando uma revolução moral ligada à espiritualidade.

William Ellery Channing (1780-1842) foi um dos líderes do Unitarismo, ao lado de Henry Ware, seguidos por Theodore Parker (Holmes, 1929). Para o reverendo Channing, os seres humanos deveriam buscar se assemelhar à divindade, havendo, portanto, a necessidade constante e interminável pelo auto-aperfeiçoamento. A essa condição de busca infindável da perfectibilidade, elemento antecipado por Alexis de Tocqueville (1835-1840) em sua análise da democracia estadunidense, Channing (1843) denominou *self-culture*<sup>4</sup>, o cultivo de si, o aperfeiçoar-se. Para Channing, a *self-culture* era possível não só a intelectuais e aos ricos, mas a todos, ampliando a noção do aperfeiçoamento individual indistintamente. Esta concepção se encontra fortemente em Thoreau, que elogia os indivíduos ordinários e a vida simples como fator necessário para o aprimoramento moral. Assim, grande era a importância dada à experiência individual e ao cultivo de si na busca pelo divino, sendo as Escrituras entendidas como expressão da alta sensibilidade religiosa dos profetas do passado, elevados em *self-culture* (Christie, 1917).

Em 1819, Channing realizou um influente discurso que se espalhou por todo o país e levou à declaração de 150 igrejas na Nova Inglaterra, incluindo todas de Boston exceto

---

<sup>4</sup> “Cultura de si, ou o cuidado que cada homem deve a si mesmo, para o desdobramento e aperfeiçoamento de sua natureza” (Channing, 1843, p. 21).

uma, a se declararem Unitaristas em menos de um ano (Holmes, 1929). O Sermão de Baltimore, como ficou conhecido, demonstra a relevância de Channing no cenário intelectual e espiritual dos EUA, e como da Nova Inglaterra emanavam ideias que impactavam a formação da identidade estadunidense naquele período.

Havia, portanto, uma atmosfera em Concord e em toda a Nova Inglaterra, e que se espalhava pelo país, que sugeria a busca individual e permanente pela melhoria de cada um, válida e possível a todos, irrestritamente, como elemento de alto valor moral para uma vida não mais impotente frente ao destino e à Providência. Thoreau estava imerso neste ambiente. Na realidade, o Unitarismo estava presente mesmo dentro da casa de Thoreau. Sua família era ligada a este movimento religioso, sendo que ele próprio fora batizado em 1817 (Medeiros, 2018; Holmes, 1929). Além disso, o sobrinho de Channing, de mesmo nome, foi amigo de Thoreau e seu primeiro biógrafo. A atmosfera intelectual e espiritual da Nova Inglaterra, permeada pelas ideias unitaristas, além das relações pessoais de Thoreau com este movimento, seja pelo envolvimento familiar, seja pelo círculo social, são indicativos de que certos interesses manifestos nas obras de Thoreau foram diretamente influenciados pelo Unitarismo. Apesar de posteriormente distanciar-se da religião institucional, há, portanto, uma influência cristã em sua formação moral (Medeiros, 2018).

Concord era um centro do Unitarismo na região da Nova Inglaterra, e Harvard, desde 1820, era o principal centro de formação de pastores unitaristas, sendo alguns deles professores de Thoreau durante sua formação (Medeiros, 2018). Dessa forma, além do contato por meio de sua família e pela cultura de Concord, Thoreau também teve contato com ideias unitaristas na universidade. Sua formação em Harvard aproximou-o também dos poetas da Antiguidade Clássica, do latim e do grego, além do Romantismo Inglês e de outras linhas filosóficas, como o senso comum escocês, que afirma ser o senso moral inato, e o intuicionismo racional dos platonistas de Cambridge, que considera que moralmente bom ou correto é um atributo da ação, e não da reação que ocorre ao

observador, sendo percebidas intuitivamente pelo senso moral (Medeiros, 2018). Todos estes elementos interagem no pensamento thoreauviano, tendo, assim, contribuído, de alguma forma, para sua conformação.

## 2.2 Transcendentalismo e reforma moral

Ao incorporar a noção de mérito moral e de livre agência humana, o Unitarismo considerava os indivíduos dotados de certo grau de liberdade moral, podendo, assim, agir em prol da salvação (Hall, 2014). O universalismo que daí advém, dado que existem aspectos eminentemente individuais na busca pela salvação (agência e consciência), que superam as instituições, foi incorporado, numa perspectiva secular, pelo Transcendentalismo, movimento literário e intelectual surgido no século XIX na Nova Inglaterra importante na constituição da identidade estadunidense.

Ralph Waldo Emerson (Boston, 1803-1882) foi o principal nome do Transcendentalismo e grande influência para Thoreau, como será visto na sequência. Vindo da tradição unitarista, Emerson radicalizou a importância da experiência individual. Para ele, a intuição pessoal e a relação direta dos indivíduos com o divino eram centrais, reduzindo a importância da história do cristianismo e das instituições religiosas como intermediárias. A partir dessa reflexão é que Emerson abandonou a atuação como ministro unitarista em 1831 e passou a palestrante secular associado ao movimento transcendentalista, que enfocava as dimensões espirituais da experiência humana para além da religião institucional (Hall, 2014). O Transcendentalismo pode ser visto, portanto, como um transbordamento do Unitarismo, havendo, em geral, um *continuum* entre as ideias de ambos (Duban, 1987), além de relevante fluxo de membros, particularmente da religião ao movimento secular. George Ripley (1802-1880), igualmente, deixou o ministério unitarista em 1841 alegando a igreja já não ser mais capaz de promover a revolução moral a que se pretendia nos anos 1820, e que, portanto, a

buscaria por outros meios. Ripley se tornou figura importante do Transcendentalismo, tanto como líder da comunidade utópica de Brook Farm, como também na intermediação da chegada de publicações do romantismo alemão à Nova Inglaterra (Hall, 2014).

Apesar do amplo contato de Thoreau com membros centrais do *Transcendental Club*, sobretudo da amizade com Emerson, Medeiros (2018) discorda da filiação direta do pensamento de Thoreau ao Transcendentalismo, argumentando que ele se formou não a partir da interpretação, mas das mesmas fontes que essa filosofia, isto é, do Unitarismo e do romantismo inglês, influenciado pelo idealismo alemão sobretudo a partir de interpretações inglesas<sup>5</sup>. Ademais, a própria denominação “transcendentalista” era tida como injusta e enganosa por não representar a grande diversidade de opiniões e ideias dos membros do grupo. De qualquer forma, é fato que as ideias de Thoreau e de membros do que foi chamado Transcendentalismo se aproximavam em certa medida, visto que Thoreau integrava as reuniões desse movimento intelectual, como destaca Laura Dassow Walls (1995):

A fidelidade de Thoreau à nova filosofia foi imediata e total, e as ideias que ele encontrou pela primeira vez em 1837 moldaram seu pensamento por mais de dez anos. Por tudo isso, Emerson agiu como motivador, mentor, condutor e catalisador para ideias empolgantes que prometiam libertação – na verdade, que prometiam nada menos que revolução intelectual e social (Walls, 1995, p. 16).

Também Newman (2003) traz uma consideração essencial para identificar relações diretas entre o pensamento de Thoreau e o dos transcendentalistas, e o faz por meio de uma análise histórica das ideias do movimento. No período entre a Revolução Americana (1776) e a Guerra de Secessão (1861-1865), a região da Nova Inglaterra mudou intensamente, passando a um capitalismo avançado, o que produziu muitos problemas

---

<sup>5</sup> As traduções e a (re)interpretação inglesa do idealismo alemão também levaram Medeiros (2018) a questionar a influência direta da filosofia transcendental de Kant sobre Thoreau, assunto de constante debate nos estudos thoreauvianos, porém que será aqui apenas mencionada em razão do escopo deste estudo.

que resultaram num caos social e econômico nas décadas de 1830 e 1840. Orestes Brownson, então das principais vozes transcendentalistas, criticou fortemente a situação a partir da análise das condições materiais e da exploração econômica da elite sobre a classe trabalhadora, alertando que a ausência de melhorias legislativas culminaria em uma revolução. Considerando a projeção de Brownson demasiado radical, os intelectuais reformistas de Boston se distanciaram dele, e George Ripley, líder do movimento associativo utópico de Brook Farm se tornou a nova voz principal do Transcendentalismo.

A partir desta transição, a crítica materialista, resultante de interesses pela consciência individual mas também por reformas e melhorias materiais da sociedade saiu do foco do Transcendentalismo e foi substituída por outra, de caráter moral, que tinha o objetivo de alcançar a mudança social a partir do aperfeiçoamento moral individual, o qual modificaria as convicções éticas dominantes na sociedade. Este aspecto está presente em Emerson, Ripley, Theodore Parker, e também em Thoreau (Newman, 2003). Thoreau, apesar das inúmeras e fortes críticas ao movimento associativo de Ripley (e de outros), fora influenciado por este foco na dimensão moral das reformas sociais, e dedicou-se a criticar a ganância da elite e a pregar uma pobreza voluntária como solução para sua decadência ao passo em que dedicou pouca atenção à pobreza involuntária causada pela má distribuição do acesso a recursos materiais e econômicos na Nova Inglaterra. A crítica de Thoreau ao capitalismo, assim, focou na degeneração moral de suas estruturas e ordem social, e menos na resolução dos problemas materiais por ele causados, ainda que tenha também agido e escrito em prol de mudanças práticas e materiais na sociedade, destacadamente em contrariedade à escravidão e à degradação ambiental.

Um exemplo em Thoreau de mudança nas convicções éticas a partir do que verificava ao redor, como a opressão aos trabalhadores e aos pobres, vem da valorização da vida simples e do trabalho manual. Estes são aspectos centrais da reforma moral buscada por Ripley no movimento associativo proto-socialista (Hunt, 2019) e presente em Thoreau em *Walden*, sobretudo no capítulo *O campo de feijão*, em que elogia o caráter

significativo e meditativo do esforço físico e compara o cuidado necessário da plantação com a constante batalha moral para o crescimento pessoal. Ademais, neste mesmo quadro de reforma moral pode ser entendida a obra *Desobediência Civil*. Embora defenda, nela, uma prática de contraposição à opressão, que possui uma dimensão material, o argumento central, ou seja, a obrigação ética de deliberar e agir em contrário à injustiça, respeitando não a lei do governo, mas as “leis superiores”, é também moral.

### **2.3 *Self-reliance* e *Nature*: a influência marcante de Emerson**

Ralph Waldo Emerson talvez tenha sido a principal influência de Thoreau. Além da filiação intelectual, em especial até a parte final da vida, Thoreau também fora influenciado pela presença de Emerson, que atuara como seu tutor. Conterrâneos da região de Concord e contemporâneos, com apenas catorze anos de diferença, Thoreau e Emerson cultivaram uma longa amizade. Entre outras parcerias, ambos atuaram na publicação transcendentalista *The Dial*, mantida por Emerson. Ele foi também quem estimulou Thoreau a manter um diário, o que é registrado logo na primeira entrada, em 22 de outubro de 1837, e a realizar um experimento de autoconhecimento e contato com a natureza – aquele narrado em *Walden* –, fornecendo inclusive o local em sua propriedade onde Thoreau construiu sua morada e ali viveu por dois anos. Ao final, Emerson esteve presente no enterro de Thoreau e, em seu sermão, destacou o notável gênio do companheiro.

Emerson fora pastor unitarista, deixando o ministério em certo momento da vida para tornar-se palestrante, passando a ser o principal expoente da escola filosófica do Transcendentalismo. O período de maior influência de Emerson e do Transcendentalismo sobre Thoreau iniciou-se em 1837, logo após ele ter se formado em Harvard. Durante os estudos, conheceu os principais autores românticos da época, incluindo Emerson. Na

sequência, iniciou sua amizade com ele, e logo passou a frequentar o círculo intelectual dos transcendentalistas, conforme indicado por Walls (1995).

Somando-se às influências unitaristas e transcendentalistas apresentadas acima, nesta seção são discutidas as duas principais influências de Emerson sobre Thoreau, as quais, em grande medida, se relacionam com as discutidas anteriormente: a divinização da natureza e a autoconfiança.

### 2.3.1 A divinização da natureza

Thoreau conheceu Emerson logo após a conclusão de seus estudos em Harvard, mas seu texto *Nature* (1836) já lhe era familiar, tendo influenciado trabalhos em seus momentos finais do curso (Medeiros, 2018). Nesta obra, considerada um manifesto do movimento transcendentalista, Emerson relacionou a natureza com o divino, o bom e o belo, influenciado por escritores românticos, especialmente das tradições inglesa e alemã. No primeiro capítulo de *Nature*, afirma:

Nas florestas, retornamos à razão e à fé. Lá, sinto que nada pode me acontecer na vida [...] Eu me torno um globo ocular transparente; não sou nada; vejo tudo; as correntes do Ser Universal circulam através de mim; sou parte ou partícula de Deus [...] Sou o amante da beleza incontida e imortal. Na natureza selvagem, encontro algo mais querido e conato do que nas ruas ou vilas. Na paisagem tranquila, e especialmente na linha distante do horizonte, o homem contempla algo tão belo quanto sua própria natureza (Emerson, 1836, pp. 12-13).

Retomando-se a proposta da *self-culture* unitarista de Channing, há aqui uma interface entre o auto-aperfeiçoamento e a natureza dada pelo caráter divino desta. Ademais, para além de uma consideração ética sobre a natureza, Emerson também apresenta reflexões estéticas ao refletir sobre sua beleza. Para ele, a beleza é uma das categorias que permitem ponderar sobre a causa final do mundo, podendo seus aspectos serem considerados em três formas: a percepção das formas naturais como um deleite, ou

seja, as formas e ações da natureza nutririam e restaurariam o espírito humano; pela presença essencial do elemento espiritual na perfeição da natureza; pela condição da beleza enquanto objeto do intelecto.

A divinização da natureza de Emerson é, assim, vinculada à sua formação cristã e às referências românticas que vinham da Europa, e ocupou lugar importante na composição do pensamento transcendentalista. É possível traçar diversas conexões entre as reflexões de Emerson e Thoreau quanto à natureza tanto pela influência de Emerson quanto pelas influências mútuas e comuns que tiveram em suas vidas, como o Unitarismo, o romantismo, a poesia antiga e a religiosidade oriental<sup>6</sup>. Como em Emerson, encontramos em Thoreau a divinização da natureza, demonstrando a presença e a importância de elementos do Cristianismo em sua formação.

A reinvenção do tema cristão da Queda nos textos de Thoreau, reinvenção que só foi possível depois da liberação originada no Unitarismo, é um de seus momentos mais emblemáticos. Tudo se passa como se a Natureza fosse surda à Queda, passando incólume e preservando esta “integridade pagã” como uma porta de reentrada ao Éden, oportunidade para nosso renascimento (Medeiros, 2018, p. 26).

Ainda sobre o apelo religioso da metafísica emersoniana em Thoreau, em carta a Harrison Blake, em setembro de 1852, Thoreau enfatiza que toda bondade transcendente é uma, que é apreendida de maneiras variadas pelos diferentes sentidos. No entanto, “a variedade está na superfície ou manifestação; mas a identidade radical falhamos em expressar” (Thoreau, *Letters*, 1906, p. 215).

A natureza, assim, seria dotada de uma condição divina, passível, portanto, de redimir a raça humana ao representar sua origem e destino, de onde se partiu e onde se deve buscar a redenção, possível pelo aprimoramento moral. Em tal condição, a natureza

---

<sup>6</sup> Holmes (1929) compara trechos de obras filosóficas e sagradas de religiões orientais com escritos de Emerson e de Thoreau para demonstrar como se relacionam. Dentre aquelas próximas a Thoreau, destacam-se Vishnu Sharma (filósofo hindu, aproximadamente séculos VI-IV a.C.), Confúcio (filósofo chinês, séculos VI-V a.C.), Mêncio (filósofo chinês, séculos IV-III a.C.) e Zaratustra (filósofo persa, século VII a.C.).

tem um valor intrínseco, e é central na compreensão ética de Thoreau, contendo beleza e bondade em todas as suas partes, dispondo a paisagem de uma harmonia, que, para além da superfície, escapa à compreensão.

### 2.3.2 A autoconfiança

Outro aspecto marcante de Emerson que também influenciou o pensamento thoreauviano foi a autoconfiança. Tratada por Emerson na obra *Self-reliance* (1841), versa sobre o processo individual de busca pela harmonia com o universo a partir da confiança na própria consciência. Para Emerson (1967, p. 7), deve-se “acreditar no seu próprio pensamento, acreditar que o que é verdade para você, em seu coração privado, é verdade para todos os homens [...]”. Sugere, assim, que se “fale sua convicção latente, e ela será o senso universal” porque “todo coração” segue as vibrações da Verdade (Emerson, 1967, p. 9).

A autoconfiança em Emerson aproxima-se da iluminação budista, pois é alcançável apenas individualmente, a partir da experiência de cada um, e une a todos ao conecta-los ao Ser Universal (Blau, 1977). Trata-se, enfim, de reforçar a autenticidade individual humana ao considerar que por ela manifesta-se a Verdade. A autenticidade tem, dessa forma, uma importância central, o que faz com que Emerson ataque a sociedade por ela exigir a conformação das individualidades e a renúncia à própria consciência. Apesar disso, Elmanova (2017) argumenta que a *self-reliance* emersoniana busca melhorar o caráter individual para contribuir com a sociedade, pois não se trata de limitar o comportamento e as inclinações alheias a partir de um modelo, mas sim de uma forma de aplicar a autenticidade à sociedade ao permitir a todos a busca pela iluminação mencionada por Blau (1977).

Influenciado pela noção de *self-culture* e pela *self-reliance* emersoniana, Thoreau busca, e sugere que os demais o façam, viver deliberadamente, de acordo com a

consciência (Medeiros, 2018): “a única obrigação que tenho direito de assumir é fazer a qualquer momento aquilo que julgo certo” (Thoreau, DC, 1984, p. 29). O princípio da ação, portanto, está na consciência individual<sup>7</sup>, em constante mudança, e a disposição ética da liberdade (Gros, 2018) está em harmonizar a consciência com a prática efetiva. Em outras palavras, Thoreau enraíza a liberdade à experiência e à intuição<sup>8</sup>, e não a algum imperativo. Não há, assim, de forma fatalista, uma constância sobre o que deve ser feito. Para Thoreau (WA, 2018, p. 210), “nossa vida é toda alarmantemente moral. Nunca há um instante de trégua entre a virtude e o vício”. Na busca pela autenticidade e pelo aperfeiçoamento moral, a todo instante é necessário deliberar quanto ao alinhamento entre a consciência e a prática efetiva. Deve-se tomar cuidado, contudo, para onde se direciona a consciência pois as falsas necessidades podem obstacularizar seu desenvolvimento e autenticidade:

O que devemos manter sob vigilância não são os apetites e as paixões, e sim as falsas necessidades que julgamos, erroneamente, como naturais, e acabam por impregnar nossos hábitos, condicionando-nos a luxos desmedidos que transformam-se, ao fim, em reais obstáculos ao nosso desenvolvimento (Medeiros, 2018, p. 44).

Nas primeiras páginas de *Walden*, após identificar as coisas necessárias à vida<sup>9</sup> para daí definir as falsas necessidades, o autor afirma:

---

<sup>7</sup> Além dos contatos com o cristianismo, em especial via Unitarismo, e com elementos do idealismo alemão via intérpretes que subsidiavam, também, o Transcendentalismo, a identidade entre a voz de Deus e a consciência humana em Thoreau, ou seja, a confiança na sugestão do gênio individual para orientação da vida pode ter sua origem traçada ao neoplatonismo do intuicionismo racional de Cambridge, sobretudo ao filósofo inglês Ralph Cudworth (1617-1688) (Medeiros, 2018).

<sup>8</sup> A importância compartilhada da razão e da experiência para a construção da consciência pode ser notada quando, em *Walden*, afirma que possui, e reverencia, tanto seu lado espiritual como seu lado selvagem (Thoreau, WA, 2018).

<sup>9</sup> “Pela expressão coisa necessária à vida entendo aquilo que, entre tudo o que o homem obtém com seu esforço, desde o começo foi, ou pelo prolongado uso se tornou, tão importante para a vida humana que nunca ou raramente alguém chega, seja por selvageria, pobreza ou filosofia, a tentar viver sem ela [...]. As coisas necessárias à vida humana em nosso clima podem ser classificadas de maneira razoavelmente precisa sob as várias rubricas de Alimento, Abrigo, Roupas e Combustível; pois apenas quando dispomos delas é

Não só a maioria dos luxos e muitos dos ditos confortos da vida não são indispensáveis, como são francos obstáculos à elevação da humanidade. Quanto a luxos e confortos, os mais sábios sempre levaram uma vida mais simples e frugal do que os pobres. Os filósofos antigos, chineses, hindus, persas e gregos, formavam uma classe jamais igualada em sua ausência de riquezas exteriores e abundância de riquezas interiores [...]. O mesmo vale para os reformadores e benfeitores mais modernos de suas raças. Ninguém pode ser um observador imparcial ou sábio da vida humana a não ser da perspectiva que nós deveríamos chamar de pobreza voluntária (Thoreau, WA, 2018, p. 27).

Novamente nesta passagem a preponderância da consciência se manifesta, tomando por riqueza não o acesso a luxos e confortos, mas uma vida simples em termos materiais, que disponha, contudo, do que é necessário, ou seja, de alimento, abrigo, roupa e combustível, pois a partir daí é que se reuniram as condições buscar a *self-culture*. A crítica às falsas necessidades é tema fundamental das obras de Thoreau. Em *Walden*, apresenta a sua máxima “simplifiquem, simplifiquem!” ao identificar que a complexidade produzida se impunha como contraproducente e prejudicial. Sua crítica se estende também às visões de mundo:

Quando consideramos qual é, para usar as palavras do catecismo, a principal finalidade do homem, e quais são as verdadeiras necessidades e meios de vida, parece evidente que os homens escolheram deliberadamente o modo usual de viver porque o preferiram a qualquer outro. No entanto eles acreditam honestamente que não tinham outra escolha. Mas as naturezas alertas e saudáveis lembram que o sol nasceu claro. Nunca é tarde demais para abandonar nossos preconceitos. Não se pode confiar às cegas em nenhuma maneira de pensar ou de agir, por mais antiga que seja. O que hoje todo mundo repete ou aceita em silêncio como verdade amanhã pode se revelar falso, mera bruma de opinião que alguns tomam por uma nuvem de chuva que fertilizaria seus campos (Thoreau, WA, 2018, p. 22).

---

que estamos preparados para enfrentar os verdadeiros problemas da vida com liberdade e alguma perspectiva de êxito” (Thoreau, WA, 2018, p. 25).

Em outra passagem<sup>10</sup> de *Walden*, no capítulo “Economia”, Thoreau se refere ao fato de os homens conformarem sua vida à falsa assunção de que o modo de vida que hoje levam é o único possível e que desgastam-se com o objetivo de atendê-lo. Thoreau aí reafirma que a consciência deve contrapor-se a este “oráculo incerto”, deve julgar a todo momento e nunca abdicar de decidir, pois deixar de lado a consciência levaria a um distanciamento de si. Confiante na própria consciência e permanentemente em evolução, o Si mesmo em Thoreau é sempre aberto.

## 2.4 Transições do século XIX

Além do ambiente específico de Concord, com suas transformações técnicas e econômicas, e da atmosfera intelectual da Nova Inglaterra, Thoreau estava envolvido em movimentos mais amplos, que impactavam toda a sociedade ocidental moderna. À época, vários impérios europeus se encontravam decadentes, o avançado capitalismo industrial já produzia revoltas, como as que Brownson antevia nos EUA, Marx, Engels e outros escritores disseminavam suas ideias revolucionárias, e partidos comunistas e as internacionais socialistas eram organizadas. Na Alemanha, berço das principais influências românticas, o processo de unificação nacional era gestado. Além do desenvolvimento de novas maneiras de compreender o mundo social, este país também viu novas formas de conhecer e descrever a natureza serem produzidas, como com as obras de Alexander von Humboldt, Karl Ritter e outros geógrafos, que levaram à sistematização da Geografia como ciência moderna, acompanhada pelo enorme avanço nas ciências da vida a partir dos trabalhos de Darwin.

---

<sup>10</sup> “Mas os homens trabalham sob engano. O que o homem tem de melhor logo se mistura à terra para se transformar em adubo. Por um destino ilusório, geralmente chamado de necessidade, eles se dedicam, como diz um velho livro, a acumular tesouros que serão roídos pelas traças e pela ferrugem e roubados pelos ladrões. É uma vida de tolo, como vão descobrir quando chegarem ao final dela, ou talvez antes (...) Tudo isso por causa de uma obediência cega a um oráculo incerto, atirando as pedras por sobre os ombros, sem ver onde elas caíam” (Thoreau, WA, 2018, pp. 19-20).

Além deste movimento nas explicações sobre a natureza, tão caro elemento aos românticos e que logo chegou à Nova Inglaterra, durante o século XIX foram produzidos câmbios nos problemas e nas respostas dadas pela filosofia política sobre a liberdade. A modernidade e o ambiente intelectual em Concord levaram Thoreau a focar na busca por uma reforma ética a partir da melhoria do indivíduo para aliviar a opressão e os problemas sociais. Confrontando, assim, a decadência pelo aprimoramento individual, segundo sugeria a *self-culture* unitarista e a linha de pensamento dominante no Transcendentalismo, Thoreau percebeu ser necessária a liberação desse indivíduo das opressões sociais para que pudesse evoluir moralmente. Ao mesmo tempo, no outro lado do Atlântico, também foi produzido um foco sobre o indivíduo como reação ao controle dos governos absolutistas e o que lhes substituíra, como a “tirania da maioria” que preocupava Stuart Mill.

Dados os objetivos deste estudo e o conteúdo da obra thoreauviana, as subseções seguintes enfocam o processo de individualização da liberdade e as mudanças na interpretação do mundo, sobretudo no estudo da natureza, contemporâneas ao autor. A discussão sobre a individualização da liberdade é realizada, primeiramente, a partir de uma breve reconstituição histórica ampla de seus significados no pensamento ocidental, orientada pelo filósofo italiano Nicola Abbagnano (1901-1990), particularmente por sua obra de síntese *Dicionário de Filosofia* (2007; publicação original em 1961), seguida pela discussão específica proporcionada pela obra *Da liberdade dos antigos comparada à dos modernos* (1985; publicação original em 1819), do teórico político francês Benjamin Constant de Rebecque (1767-1830), que compõe o centro do argumento sobre a individualização do conteúdo da liberdade no século XIX.

Na sequência, a partir de Rossi (1992), Pipkin (2001), Walls (1995) e Moraes (2007), são discutidas as transformações no pensamento sobre a natureza no ocidente à época de Thoreau. O filósofo italiano Paolo Rossi, em *Os sinais do tempo - História da Terra e história das nações de Hooke a Vico*, analisa as transformações no pensamento europeu a respeito da

natureza, da história humana e da linguagem, recuperação importante para compreender o contexto epistemológico na transição do século XVIII para o XIX. Moraes (2007) sintetiza a história do pensamento geográfico com foco sobre o processo de sistematização no século XIX, e Pipkin (2001) e Walls (1995) discutem a transição pela qual passou Thoreau quanto ao pensamento sobre a natureza a partir dessas influências.

### 2.4.1 A individualização da liberdade

Liberdade é um conceito com grande densidade histórica e filosófica. Como afirmou o filósofo político estadunidense John Rawls (2000) em sua *Teoria da Justiça*, a liberdade é uma questão de filosofia política substantiva, tendo suas definições função apenas subsidiária. O tema da liberdade é um dos mais presentes na história do pensamento filosófico, em especial na ética, cujas implicações transbordam para muitos outros campos do conhecimento, destacadamente o das ciências humanas, e muitas são as perspectivas sob as quais foi e continua a ser analisada.

Segundo Abbagnano (2007, p. 606), há três significados fundamentais da liberdade, os quais dominam as disputas metafísicas, morais, políticas e econômicas sobre ela. São eles a liberdade a) como autodeterminação, ausência de condições e limites, absoluta e sem graus; b) como necessidade dentro da totalidade a que o ser humano pertence; e c) como possibilidade ou escolha, sendo “limitada e condicionada, isto é, finita”. A primeira concepção desconsidera qualquer pré-determinação ou determinação externa, atribuindo ao ser humano a qualidade de princípio de seus próprios atos. Tendo o princípio em si mesmo, o agir ou o não agir dependeria apenas de si mesmo. Esta noção surge em Aristóteles e encontra-se presente dos estoicos aos cristãos, como em Santo Agostinho e em São Tomás de Aquino. O conceito central da autodeterminação é o da *causa sui*, causa de si, que permeia as filosofias moderna e contemporânea (Abbagnano, 2007). Muitos outros desenvolveram suas noções fundamentados neste conceito: dos indeterministas

espiritualistas (autodeterminação como experiência interior fundamental, da “autocriação do eu”) a Sartre, cuja doutrina “só faz levar ao extremo o antigo conceito de liberdade como autocausalidade” (Abbagnano, 2007, p. 608).

A segunda concepção, da liberdade como necessidade, também é subsidiária da noção de *causa sui*, porém refere-se não mais ao indivíduo, mas ao todo em que ele está inserido. Originada no pensamento estoico, trata da adequação do indivíduo ao cosmos ordenado. Tal condição levanta a crítica de que ser livre ao manifestar a autodeterminação cósmica e não ser livre seria o mesmo (Abbagnano, 2007). Nesta concepção, o sujeito da liberdade é uma totalidade, seja metafísica, seja política, o que faz com que sobre os indivíduos novas coerções se apliquem (Abbagnano, 2007). O liberalismo político, vinculado à terceira concepção apresentada, reage a essa condição.

A terceira concepção é a da liberdade como possibilidade, e, assim, condicionada. Livre seria a condição daquele que é autor de uma escolha dentro de possibilidades objetivas e condições de vida determinadas. Não é centrada na *causa sui* como as demais, reconhecendo a interação dos seres junto a circunstâncias que a eles transcendem como condicionantes, sejam elas materiais, históricas, culturais, éticas, espirituais ou epistemológicas. Surgida em Platão, permaneceu secundária durante o predomínio das demais concepções que versavam sobre a autodeterminação e a totalidade, ressurgindo na Idade Moderna, com Hobbes (Abbagnano, 2007). Influenciado por ele, o liberal John Locke (1998) definiu liberdade no terreno político em oposição à ação ilimitada sobre o indivíduo e a sociedade.

Para Isaiah Berlin (2002), o foco dos liberais está na liberdade negativa, ou seja, na limitação à coerção e na expansão máxima do domínio exclusivo do indivíduo, como fica claro na menção acima e na obra de autores como John Stuart Mill. A liberdade em sociedade, para Locke, consistiria na “possibilidade de escolhas delimitadas por leis estabelecidas por um poder para isso designado pelo consenso dos cidadãos” (Abbagnano, 2007, p. 611), o que, portanto, pressuporia duas condições: a circunscrição

das possibilidades de escolha por meio de normas, e a possibilidade de fiscalização dessas normas pelos envolvidos. Não se trata, assim, de uma perspectiva ilimitada, mas condicionada e finita. Ser uma questão de medida é um aspecto central da liberdade no liberalismo, perspectiva que compartilharam Montesquieu, Hume, os iluministas e os empiristas, como Mill.

Observando a organização dos sistemas democráticos, John Rawls desenvolveu uma teoria da justiça fundada na liberdade, discutindo-a em relação a limitações legais e constitucionais. “Nesses casos [em relação a limitações legais e constitucionais], a liberdade é uma certa estrutura de instituições, um certo sistema de normas públicas que definem direitos e deveres” (Rawls, 2000, p. 219). A lei, assim, não representaria exclusivamente a limitação à liberdade, sendo-lhe contraposta, mas seria parte dela, estabelecendo garantias: “não apenas deve ser permissível que os indivíduos façam ou não uma determinada coisa, mas também o governo e as outras pessoas devem ter a obrigação legal de não criar obstáculos”. Com esta sistematização, Rawls expõe a filiação dos contratualistas com a terceira concepção apresentada por Abbagnano (2007), da liberdade como questão de medida e possibilidade. Os contratualistas, ao elaborarem teorias da fundação do estado civil, limitam a autonomia da vontade, confrontando os indivíduos com o coletivo no qual estão inseridos e fundando um sistema em que limites são acordados e o direito (ou a liberdade) natural é substituído pelo contrato social.

Benjamin Constant de Rebecque (2011) contribui para as reflexões sobre a liberdade não propondo um quadro metodológico em sua análise, mas tratando da natureza em si da liberdade, que, para ele, apresenta-se dualizada temporalmente: a forma como se manifestava para os antigos e a forma como se manifesta para os modernos. Haveria, assim, uma sucessão cronológica dessas modalidades, verificadas de acordo com o momento histórico em que as sociedades se encontram. A diferença fundamental está na relação público/privado do caráter da liberdade. Para os modernos, argumenta, o aspecto privado ganha centralidade frente ao público de outrora. Antes,

quanto mais tempo e forças o homem consagrava ao exercício de seus direitos políticos, mais ele se considerava livre; na espécie de liberdade a qual somos suscetíveis, quanto mais o exercício de nossos direitos políticos nos deixar tempo para nossos interesses *privados*, mais a liberdade nos será preciosa (Constant, 2011, pp. 13-14; destaque no original).

Não se trata de um desprezo, porém, aos direitos e à atuação política; pelo contrário, afirma que a liberdade política é a garantia da liberdade individual civil. Assim, é necessária atenção, enquanto corpo social, contra o despotismo e a tirania que atacam a liberdade política. E Constant vai além, afirmando que a liberdade política é o modo mais enérgico e poderoso de aperfeiçoamento das faculdades, o que corresponde, para ele, a um dos objetivos do gênero humano, residindo aí o perigo da liberdade moderna: a renúncia demasiada do direito de participar do poder político. Dever-se-ia, assim, exercer “vigilância ativa e constante” sobre os representantes e afastá-los ou revogar-lhes o poder caso se distanciassem dos interesses do povo. Para ele, os governos modernos têm novos deveres, que se referem ao respeito à independência dos indivíduos.

Nota-se que a análise de Constant não enfoca a autodeterminação e a causa de si do indivíduo e tampouco a consideração das condições de existência como limitantes e condicionantes à liberdade. Sua argumentação baseia-se na transformação do cerne da liberdade em razão das mudanças nas condições sociais produzidas ao longo do tempo. Em Constant, portanto, verificamos o deslocamento da liberdade da esfera coletiva à individual: a “independência individual é a primeira das necessidades modernas”, e a “nossa liberdade deve compor-se do exercício pacífico da independência privada” (Constant, 2011, p. 6). A liberdade individual é a que marca a modernidade, sendo a liberdade política a sua garantia, e, portanto, indispensável.

## 2.4.2 Secularização do mundo e o conhecimento da natureza

O segundo aspecto que sofreu transformações profundas no século XIX e que contribuiu para a compreensão do movimento presente na obra de Thoreau diz respeito à transição das explicações teológicas sobre as paisagens e o funcionamento da natureza para as explicações seculares (Pipkin, 2001). Um dos fatores que contribuíram para esta transição, central na epistemologia do século XIX, foi o acréscimo, à ideia de natureza, em meados do século XVIII, de um novo elemento de composição e interpretação: o tempo (Rossi, 1992).

Seja em termos de compreensão da história humana, seja da sucessão de fenômenos naturais, a reflexão sobre o tempo demandou reformulações profundas no pensamento da época. Diderot, em seu *Interpretation de la nature* [Interpretação da natureza] (1753), introduz a ideia de sucessão, enquanto Thomas Wright, em sua *An original theory or new hypothesis of the universe* [Uma teoria original ou nova hipótese do universo] (1750), incorporou a ideia de tempo em seu conceito de natureza e relacionou-a ao dinamismo e ao movimento do universo (Rossi, 1992). Além disso, a “descoberta”, aos olhos europeus, da América, além de etapa na construção das condições materiais do Ocidente, fora o maior obstáculo na interpretação do tempo e das explicações sobre a história do mundo posto aos defensores da ortodoxia bíblica, fazendo com que concessões à ciência fossem realizadas. A exemplo, tem-se o jurista inglês Sir Mathew Hale (1609-1676), que, para sustentar a interpretação da origem humana em Adão, a universalidade do dilúvio e a tradição da lei de Moisés, aceitou hipóteses científicas relativas a mutações geológicas da Terra e ao transformismo biológico (Rossi, 1992).

A história da Terra e das mudanças da natureza era o pano de fundo das discussões sobre a origem da humanidade, da civilização e da linguagem, de forma que as novas teorias e descobertas geológicas punham novos obstáculos à teologia, que até então providenciava as respostas com base nas Escrituras Sagradas do Cristianismo. Assim,

quando foram introduzidas interpretações sobre o tempo que eram divergentes das explicações bíblicas, a concepção de homem e de mundo se alterou, abrindo e reabrindo muitas e novas frentes de investigação. Atrelado a este movimento, a revolução copernicana já havia deslocado o homem do centro para as margens do universo. Ao mesmo tempo, em razão da revolução no entendimento do tempo, os humanos não mais poderiam ser vistos como próximos da origem do mundo, e nem a Terra como criada para o povoamento pelos filhos de Adão. O mundo deixou de ser visto como saído das mãos de Deus, e passou a ser dado por sucessivas transformações (Rossi, 1992) que ocorriam a despeito dos seres humanos.

Enfim, com a *morte de Adão*, ou seja, a lenta saída da mentalidade europeia das explicações adâmicas sobre a origem da humanidade e as discussões a ela relacionadas (linguagem, civilização, razão, transformação da Terra) permitiu-se de fato que novas concepções de vida, paisagem, natureza, pensamento e sociedade fossem gestadas (Rossi, 1992). Dentre elas, e em razão da influência que exercerá sobre Thoreau, destaca-se a Geografia moderna. Até o século XVIII, o conhecimento geográfico era disperso. Com as condições históricas da constituição do modo de produção capitalista, como o avanço tecnológico e a unificação de estados nacionais, e as novas formas de pensar o mundo que advinham da deteologização do pensamento (Rossi, 1992; Pipkin, 2001), o conhecimento geográfico, coincidindo com a formação de um espaço mundializado, passou por uma sistematização no início do século XIX (Moraes, 2007). Além disso, naquele século um inventário do mundo já havia sido construído a partir da expansão dos impérios coloniais como resultado da dominação territorial, da expansão do comércio, e da fundação de sociedades geográficas, proporcionando certo conhecimento das condições diversas ao redor do planeta.

Alexander von Humboldt (1769-1859) foi um naturalista prussiano, tido como o pioneiro da sistematização da Geografia moderna (Moraes, 2007). Muito influenciado por Goethe e Schiller, a exemplo a importância dedicada ao empírico e ao sensível, Humboldt

não se preocupava em propor normativas<sup>11</sup> para a disciplina que se profissionalizava, pois para ele o interesse da Geografia seria pela “contemplação da universalidade das coisas, de tudo que coexiste no espaço concernente a substâncias e forças, da simultaneidade dos seres materiais que coexistem na Terra” (Silveira, 2008, p. 108). O caráter sensível de sua proposta é didaticamente ilustrado no primeiro subtítulo da introdução de sua principal obra, *Cosmos*, intitulado “Considerações sobre os diferentes graus de prazer que a contemplação da natureza e o estudo de suas leis pode oferecer”.

O pensamento sobre a natureza dos românticos, cujo princípio ontológico-epistemológico era a unidade entre o homem e a natureza, em oposição à perspectiva newtoniano-cartesiana, contribuiu enormemente para o desenvolvimento da ciência geográfica, a exemplo a influência de Goethe sobre Humboldt e a filosofia da natureza do idealista alemão Friedrich Schelling (Silveira, 2008). O método morfológico de Goethe, advindo de sua interpretação da função da arte e de contribuições da filosofia e da ciência, fora incorporado por Humboldt. Nele,

ciência, arte e filosofia se integrariam na busca por intuir na forma a dinâmica de uma relação todo-partes, subjetivo-objetivo, expansão e contração. [...] Papel fundamental nesse processo tem a intuição, ela é a captação da dinâmica no instante; é a forma de se apropriar de uma relação ampla por um penetrar do sujeito no objeto, por uma ligação do ser com a totalidade; é, enfim, a maneira do homem apresentar-se como parte dessa dinâmica (Silveira, 2008, p. 112).

Assim, da mesma forma que o romantismo e as bases do Transcendentalismo, também a Geografia moderna surgiu na Alemanha, vinculada ao desenvolvimento capitalista do Estado nascente (Moraes, 2007), com uma abordagem totalizante e fortemente marcada pela intuição. Thoreau acompanha com atenção o desenvolvimento desta área do conhecimento a partir das obras de Humboldt, com Walls (1995) verificando

---

<sup>11</sup> Karl Ritter, contemporâneo de Humboldt, desenvolveu, por sua vez, uma obra com preocupações explícitas de normatização metodológica (Moraes, 2007).

um forte traço deste naquele. Thoreau leu as principais obras de Humboldt (Sattelmeyer, 1988), como *Views of Nature, or contemplations on the sublime phenomena of creation* [Quadros da natureza, ou contemplações sobre os sublimes fenômenos da criação] (1849); *Cosmos: sketch of a physical description of the universe* [Cosmos: ensaio de uma descrição física do mundo] (1849); e *Personal narrative of travel to the equinoctial regions of America, during the years 1799-1804* [Narrativa pessoal de viagem às regiões equinociais da América, durante os anos 1799-1804] (1852), que lhe atraíram o interesse e alteraram sua forma de observar, entender e escrever sobre a paisagem. A partir disso, Henry Canby (1939) conclui que se Thoreau se dedicou a alguma ciência, para além de classificar os elementos da paisagem, foi para a Geografia.

Antes de Humboldt e Darwin, a teologia natural proporcionava o pano de fundo de grande parte do conhecimento geográfico (Livingstone, 1992; Rossi, 1992; Pipkin, 2001). O movimento que Thoreau realiza se assemelha à transição ampla do tempo em que viveu. No último período de sua produção literária, Thoreau distanciou-se das interpretações transcendentalistas da paisagem de Emerson, que se baseava numa “teologia natural”, e desenvolveu seu próprio estilo, adicionando ao seu idealismo, em especial a partir das obras de Humboldt e Darwin, também preocupações empíricas (Walls, 1995; Wulf, 2016). Em Emerson, havia pouco espaço para empirismo, pois para ele este método não se dedicava ao todo e, portanto, não poderia apreendê-lo. Para ele, o contato com a natureza e a ordem da paisagem eram entradas à unidade divina, sendo as diferenças apenas ilusórias (Pipkin, 2001). Essa teologia da natureza trazida por Emerson foi “a matriz a qual Thoreau rompeu em seu próprio caminho idiossincrático”, da mesma maneira que a Geografia, na mesma época (Pipkin, 2001, p. 529). Apesar disso, alguns desses elementos permaneceram na escrita de Thoreau até o fim, o que também ocorreu com a Geografia pós-Darwin (Livingstone 1992; Pipkin, 2001).

Outro filósofo da ciência que contribui para pensar a transição epistemológica ocorrida no século XIX no ocidente, cuja interpretação da história do pensamento ajuda a

entender o processo pelo qual passou Thoreau (Pipkin, 2001), é Michel Foucault. Em *As palavras e as coisas* (1999), Foucault discute como a organização diferenciada das estruturas de pensamento faz com que sejam efetivados diferentes entendimentos de mundo. Assim, a relação entre as coisas, ou seja, a ordem que há entre elas de forma apriorística, é percebida, ao longo da história, de diferentes formas. Foucault busca, dessa maneira, fundamentar a tese de que as configurações da *epistémê* mudam ao longo do tempo, e as novas configurações proporcionam novas formas de saber, ou o rearranjo de formas de saber pré-existentes. Para tanto, identifica duas rupturas epistêmicas, sendo a primeira após o Renascimento, quando o conhecimento das coisas e de suas ordens e relações deixa de se centrar na semelhança, e a segunda no início do século XIX, da *epistémê* clássica para a moderna, quando o homem entra pela primeira vez no campo do conhecimento ocidental.

Estes processos de mudança ocorrem também na microescala de Thoreau. Na primeira metade da vida, por exemplo, Thoreau aborda uma teoria das formas que denomina “botânica cristalina”, baseada no modelo de Goethe que tinha nas folhas um modelo fundamental do crescimento das formas animadas e inanimadas (Richardson, 1986). Esta abordagem observa que vários elementos manifestam formas semelhantes, como os rios e as folhas, sugerindo a Thoreau que haveria uma ordem a priori entre eles que os relacionava harmonicamente (Pipkin, 2001). Seu interesse pela morfologia da paisagem, em especial antes de sua transição naturalista, diretamente se relaciona com essa forma de pensar. Posteriormente, a partir do contato com as obras de Humboldt e de Darwin, Thoreau deixa de conhecer a ordem do mundo a partir da semelhança e passa a focar a função e a genética, passando da similitude às representações (Pipkin, 2001).

Thoreau conheceu a obra de Darwin em 1851, quando teve contato com *Viagem do Beagle*, que lhe ampliou o interesse pelo empirismo. Em 1860, com *A origem das espécies*, aprofunda ainda mais sua transição na abordagem da natureza do Transcendentalismo, para o qual “o mundo é adaptado para a humanidade”, para aproximar-se da ciência

empírica natural trazida pelo darwinismo, no qual “a vida se adapta a seu ambiente” (Pipkin, 2001, p. 531).

A partir dessas influências naturalistas, Thoreau preocupou-se com a nomeação das coisas, em especial na botânica (taxonomia) com base na observação da função da coisa na fisiologia do sistema, como das espécies vegetais em relação à totalidade da paisagem. Assim, o pensamento classificatório sistemático de Thoreau sobre a natureza se inicia com a “botânica cristalina” e transita para as observações de caráter empírico, moderno e ecológico (Hoag, 1995; Walls, 1999; Pipkin, 2001), sem, contudo, abandonar o caráter harmônico e espiritual da natureza. Em suma:

Thoreau não se transformou de um poeta transcendental emersoniano em um cientista empírico fragmentado, mas de um holista transcendental em algo novo que combinava transcendentalismo com empirismo e permitia modos inovadores, experimentais e pós-simbólicos de pensar e escrever (Walls, 1995, p. 5).

## **SEÇÃO 3: CONSIDERAÇÕES SOBRE LIBERDADE E NATUREZA EM THOREAU**

Observando os problemas da civilização na Nova Inglaterra do século XIX, e instigado pelo Transcendentalismo, Thoreau interessou-se por uma reforma moral com foco dirigido ao indivíduo. Considerando-o passível de aprimoramento constante e interminável, e dotado de uma consciência que lhe possibilitaria o contato com o Ser Universal, a modificação da ética dominante seria possível a partir da transformação de cada um. A sociedade, porém, forçava a conformidade, confrontando a autenticidade. Ali, a transformação buscada dificilmente poderia nascer.

Essa construção argumentativa, baseada no Unitarismo e em ideias emersonianas, encontra na Natureza de Emerson sua resposta, pois nela a artificialidade não embaça a visão, pode-se regenerar e tornar-se um com o Todo. Ali é que determinações externas podem ser rejeitadas, e a prática pode ser alinhada à consciência. Os temas da liberdade e da natureza, assim, se aproximam na obra thoreauviana a partir do indivíduo que busca o aprimoramento moral e da ordem e da harmonia do meio natural, com seu caráter espiritual e renovador.

Na seção anterior foram discutidas algumas das principais influências na construção do pensamento thoreauviano. A partir delas são apresentadas, nas páginas seguintes, algumas considerações sobre as noções de liberdade e de natureza nas obras do autor, destacando-se pontos centrais como a individualidade, a confiança na consciência e a relação com o meio natural.

### **3.1 Natureza, ética e civilização: o legado ambientalista de Thoreau**

Para Altran (2017), a natureza é o berço onde a concepção ética de Thoreau se origina. Talvez se possa dizer, dialogicamente, que a ética é onde se origina sua concepção

de natureza: semelhante à perspectiva de que cada indivíduo tem valor em si a despeito de associação, em sua ética ambiental a natureza possui valor intrínseco<sup>12</sup>. Na natureza, as “correntes do Ser Universal circulam” através de si e se é “parte ou partícula de Deus” (Emerson, 1836, p. 12). Tal espiritualização da natureza como porta de reentrada ao Éden (Medeiros, 2018) está fortemente presente em Thoreau. Para ele, o contato dos seres humanos com o meio natural é uma forma de despir-se das convenções e artificialidades da vida civil (Thoreau, CA, 1984), de revigorar-se na fonte das musas (Thoreau, FM, 1906) e de apreender a ordem do universo. O experimento em *Walden* é marcante em sua vida e produção intelectual ao buscar aproximar a consciência individual do espírito selvagem (*wildness*) na expectativa de elevar-se moralmente ao “defrontar-se apenas com os fatos essenciais da vida” (Thoreau, WA, 2018, p. 95). Para Beppu (1974, p. 3), essa ida de Thoreau à mata buscando um estado de harmonia “não deve ser confundida com o primitivismo da ‘volta à natureza’. Em vez disso, deve ser entendida como um retiro religioso ou no contexto transcendental”, pois para Thoreau a vida social varia entre um estado de “guerra não declarada e a absoluta futilidade” (Nunes Simões, 2010, p. 70). Propõe, assim, a busca por um “estado de harmonia *pessoal* com a natureza – o retorno a um estado original, ‘ontologicamente livre’ – que a escolha individual de não exercer a liberdade em nome de algo que considera tão imperfeito como a civilização é repudiada” (Nunes Simões, 2010, p. 62).

Sua perspectiva influenciou o movimento ambientalista estadunidense desde seu início (Curtis, 2010) e permanece influente em propostas recentes. Nesta seção, é discutida a participação intelectual de Thoreau na construção de éticas de preservação ambiental nos séculos XIX e XX, destacadamente a maneira como via a relação dos humanos com a

---

<sup>12</sup> Para Callicott (1990), as propostas dos conservacionistas e dos preservacionistas são antropocêntricas e só o homem tem valor intrínseco. Mas em John Muir, importante preservacionista largamente influenciado por Thoreau, a natureza tem valor intrínseco, apelando para fundamentos bíblicos da bondade da criação aos olhos de Deus e que não é direito do homem desfazer Seu trabalho para fortalecer seu ponto de vista.

natureza, e, ao final, são apresentadas contribuições pioneiras para estudos ecológicos proporcionadas pela transição naturalista do autor.

### 3.1.1 Filosofias de preservação ambiental<sup>13</sup>

De acordo com Keith Thomas, em *O homem e o mundo natural* (2010), as ideias preservacionistas surgiram na Inglaterra, no início do século XIX, com o desenvolvimento da história natural<sup>14</sup> e como reação às consequências do avanço industrial. Os escritores românticos do período “fizeram da procura do que restava de ‘natureza selvagem’, na Europa, o lugar da descoberta da alma humana, do imaginário do paraíso perdido, da inocência infantil, do refúgio e da intimidade, da beleza e do sublime” (Diegues, 2008, p. 26). Esses espaços foram considerados enquanto locais de grande valor estético e que conduziam à meditação e ao divino. Esta é de fato a tônica de *Nature* (1836), texto central do Transcendentalismo, produzido a partir de referências românticas europeias. A beleza e o caráter regenerador e divino da natureza haviam de ser defendidos contra o avanço destrutivo da civilização industrial.

Assim, nos Estados Unidos do século XIX, o surgente movimento preservacionista presta “reverência à natureza no sentido da apreciação estética e espiritual da vida selvagem (*wilderness*)” e “pretende proteger a natureza contra o desenvolvimento moderno, industrial e urbano” (Diegues, 2008, p. 32)<sup>15</sup>. Este movimento preservacionista

---

<sup>13</sup> A maior parte do conteúdo das subseções 3.1.1 e 3.1.2 compôs artigo publicado na 5ª Conferência Internacional em Pesquisa em Humanidade e Ciências Sociais, Berlim, 2021, sob o título “‘In Wildness is the Preservation of the World’: Henry David Thoreau on the Relation between Human and Nature”. Disponível em <https://www.dpublication.com/wp-content/uploads/2021/12/68-1128.pdf>

<sup>14</sup> Para um panorama da relevância que a história natural galgou até o século XVIII, ver Rossi (1992), em que o autor apresenta, em especial no primeiro capítulo, denominado *A Terra, o tempo, as conchas* as interpretações quanto à origem, dinâmica e mutabilidade da Terra, observando como exemplo as interpretações a respeito dos fósseis de conchas encontrados em regiões não marinhas, e como tais discussões impactaram o pensamento europeu a respeito da origem da civilização, da linguagem e da religião, articulando reflexões sobre geologia e teologia.

<sup>15</sup> “Hoje em dia, quase todos os chamados melhoramentos feitos pelo homem, tais como a construção de casas e a derrubada das florestas e de todas as árvores grandes, simplesmente deformam a paisagem e

nascente teve como um de seus grandes expoentes Thoreau, a partir de sua compreensão da natureza como dotada de corpo e espírito, ecológica e sagrada, com valor estético e espiritual, semelhante à concepção de Emerson, mas também agregando concepções naturalistas a partir das influências humboldtianas e darwinianas.

Outro nome importante que compartilha algumas das ideias de Thoreau apesar de não haver indicações de influências diretas entre eles é o geógrafo George Perkins Marsh (1801-1882). Marsh aprofundou as análises sobre as alterações humanas na paisagem natural dos EUA (Pipkin, 2001) e argumentava pela necessidade de uma revolução política e moral, além do controle da tecnologia, pois considerava que a humanidade se impunha como destrutiva (Diegues, 2008). Contemporâneo de Thoreau, Marsh era natural de Vermont, também na Nova Inglaterra, compartilhando em certo grau, portanto, o ambiente cultural com Thoreau. Suas principais obras, *Man and Nature, or Physical Geography as Modified by Human Action* [O Homem e a Natureza, ou a Geografia Física Modificada pela Ação Humana] (1864) e *The Earth as Modified by Human Action* [A Terra Modificada pela Ação Humana] (1874), tiveram impacto internacional, também estimulado por sua atuação com diplomata na Europa.

Outro nome de grande importância para o ambientalismo dos EUA, este com ávido interesse pelo pensamento de Thoreau, foi John Muir (1838-1914). Muir era um defensor da criação de áreas reservadas para limitar o alcance da degradação, mantendo-as incólumes às mazelas do progresso industrial. A atuação de Muir pela criação de áreas de preservação resultou, inclusive, na implantação do primeiro parque nacional do mundo, Yellowstone, em 1 de março de 1872. Para ele, a natureza tinha valor em si mesma, compartilhando da perspectiva biocentrista de Thoreau, ainda que enfatizasse os argumentos teológicos de que a natureza era uma criação divina e, portanto, não deveria ser destruída. A abordagem biocentrista ganhou força quando a perspectiva

---

fazem com que ela fique mais e mais domesticada e sem valor. Quem me dera um povo que preferisse pôr fogo nas cercas e deixar de pé as florestas!" (Thoreau, CA, 1984, pp. 86-87).

preservacionista se alinhou ao paradigma evolutivo-ecológico de Darwin (Diegues, 2008). Para Muir, conforme Callicott (1990), a natureza no Novo Mundo era suficientemente vasta e rica para satisfazer as necessidades materiais mais manifestas e também as necessidades espirituais dos homens, e, seguindo Thoreau, criticou a destruição da natureza em razão do materialismo e da ganância (Cohen, 1984)<sup>16</sup>.

O conjunto de ideias inspiradas por esses autores foi denominada ética romântico-transcendental da preservação dados os seus componentes morais e espirituais associados ao valor transcendente do meio natural, que demandava uma mudança de atitude para que se evitasse sua destruição. A ecologia profunda, influente perspectiva ambiental contemporânea, retomou no século XX a ética romântico-transcendental da preservação à medida que apresenta um enfoque “preponderantemente biocêntrico, mas tem grande influência espiritualista, seja cristã, seja de religiões orientais, aproximando-se frequentemente de uma quase adoração do mundo natural” (Diegues, 2008, p. 46).

A história do ambientalismo nos EUA trouxe reações à perspectiva apresentada acima. Gifford Pinchot (1865-1946) formulou um ambientalismo que transformara a “natureza” dos românticos em “recursos naturais”, afirmando inclusive que no mundo

---

<sup>16</sup> O desenvolvimento desta abordagem para com as áreas naturais levantou críticas. Uma delas diz respeito a que a consideração de que certas satisfações promovidas pela natureza são moralmente superiores a outras seriam antidemocráticas e classistas (O'Connor, 1988), bem como que a necessidade que certas pessoas desejam satisfazer para obter prazer é diferente da estética e espiritual apreendida pelos românticos. Callicott (1990, p. 16) afirma que esta reação tem vinculação direta ao pensamento utilitarista, segundo o qual “a felicidade humana, definida no limite em termos de prazer e dor, deve ser o objetivo tanto da ação individual quanto da governamental. E o prazer de uma pessoa não é necessariamente o de outra”. Ademais, a perspectiva de preservação da natureza a partir da criação de áreas isoladas e inabitadas, como foi realizado, tem sérias consequências éticas e sociais. Além de aprofundar a dicotomia entre humanos e natureza, a exportação do modelo de Yellowstone, em especial para o Terceiro Mundo, teve consequências graves em relação às comunidades tradicionais que reproduziam suas vidas há dezenas ou centenas de anos, com usos sustentáveis e integrados à natureza, que foram expulsas (como as de Yellowstone) – esta, inclusive, é das principais críticas de Diegues (2008). Para o autor, seguindo Redclift (1984), o ambientalismo nos países do centro do capitalismo surgiu a partir de críticas à sociedade industrial, e raramente levava a pobreza e a má distribuição de renda em consideração (Diegues, 2008). Críticas mais recentes a esse modelo são realizadas pelas perspectivas com enfoque socioambientalista, ou seja, que integram o movimento ambientalista com movimentos sociais diversos, resultando em propostas como a ecologia social e a ecologia socialista (ou neomarxista) (Diegues, 2008).

existem apenas pessoas e recursos naturais (Callicott, 1990, p. 16). Para Pinchot, porém, é necessária a gestão de tais recursos de forma que permaneçam disponíveis às gerações futuras, e deve-se garantir o uso múltiplo, com ausência de hierarquia de valor, com máxima eficiência.

Pinchot argumenta, ainda, que o mercado não seria capaz de levar a cabo tal proposta, pois submeteria a máxima do uso eficiente ao lucro. Seria necessária, portanto, a atuação governamental para regulação e controle do uso dos recursos naturais<sup>17</sup>. Conforme Diegues (2008, p. 31), Pinchot foi, assim, precursor do desenvolvimento sustentável, argumentando em prol do aperfeiçoamento da gestão e da exploração eficiente dos recursos, posicionando-se contra o desenvolvimento a qualquer custo, mas, por considerar que o desenvolvimento é um princípio da conservação, “agia dentro de um contexto de transformação da natureza em mercadoria”. A ideologia do desenvolvimento sustentável, atualmente, é uma tentativa de harmonizar a ética de conservação dos recursos com o desenvolvimento econômico sob a égide do mercado. Sua vinculação com o capitalismo é, portanto, razão para justificada hesitação. A proposta de Pinchot pressupunha que “todos os usos concorrentes de recursos devem ser ponderados imparcialmente e os frutos da exploração dos recursos devem ser distribuídos de forma ampla e equitativa” (Callicott, 1990, p. 17). Num modelo de sociedade pautado justamente na competição e na distribuição desigual de recursos, contudo, o resultado mais generalizado foi a apropriação indevida, a degradação e a crise ambiental vivida atualmente.

Um terceiro momento pode então ser identificado, já numa perspectiva ampliada para além dos EUA. Influenciado pelo paradigma evolutivo-ecológico, Muir

---

<sup>17</sup> Para uma discussão mais profunda sobre os temas da sustentabilidade do uso e das estratégias de gestão dos recursos naturais, ver *The Tragedy of the Commons* [A tragédia dos comuns], de Garrett Hardin (1968), e a resposta *Governing the Commons: the evolution of institutions for collective action* [Governando os comuns: a evolução das instituições para a ação coletiva], de Elinor Ostrom (1990).

compreendeu o ser humano como uma pequena parte do Todo, assim como qualquer outro ser da natureza, sendo que cada elemento teria sua contribuição à unidade do Todo. Contudo, fundamentava-se ainda em argumentos teológicos, o que, como visto, estava enfrentando fortes reações e perdendo espaço na explicação do mundo no século XIX. Enquanto Muir atribuía valor intrínseco, e não apenas instrumental, a todos os seres da natureza a partir de um fundamento teológico, o ecólogo estadunidense Aldo Leopold (1887-1948) fundamentou-se no argumento ecológico da contribuição comum à comunidade biótica, inaugurando um novo paradigma da conservação da natureza denominado ética da terra (Callicott, 1990). Leopold, então alinhado ao conservacionismo de Pinchot, deslocou-se dele ao passar a considerar que a natureza deveria ser tida como sistema de processos complexos, como um organismo, e não como um mecanismo (Callicott, 1990). Posteriormente, em certa continuidade com a ética romântico-transcendental e com a ética da terra, desenvolve-se a ecologia profunda do filósofo norueguês Arne Naess (1912-2009). A partir dela, por exemplo, Fritjof Capra (1996) propôs a ideia de teia da vida, baseada na concepção de comunidade que envolveria tanto propriedades espirituais quanto ecológicas.

Em síntese, a história do ambientalismo apresentada acima é sumarizada por Callicott (1990) em três modelos: a ética romântico-transcendental da preservação; a ética progressivo-utilitária da conservação de recursos; e a ética evolutivo-ecológica da terra, respectivamente. A primeira trata-se do modelo inicial, com influência primordial de Thoreau; a segunda, do modelo dominante no século XX e ainda hoje, que se opôs em certa medida à primeira; e, a terceira, de novo paradigma em processo de expansão via perspectivas contemporâneas, com retorno do pensamento thoreauviano tanto em sua origem como na de movimentos que o incorporaram, como da contracultura da década de 1960 e do movimento hippie (Diegues, 2008).

Embora a história do pensamento preservacionista não possa ser reduzida a poucas páginas, o intuito foi apresentar um panorama geral para a localização das

contribuições do pensamento de Thoreau aos movimentos ambientalistas e à reflexão sobre a relação dos seres humanos com o meio natural, que se estendem desde sua época às propostas contemporâneas.

### 3.1.2 *Wildness* e *wilderness*: o espírito e as áreas selvagens

A relação entre os humanos e a natureza é tratada de duas maneiras por Thoreau. Ao nível da conformação dos seres, o autor reconhece e bendiz a existência de um lado selvagem, primitivo, tanto que seus adversários são as falsas necessidades, e não os desejos e apetites. Já em relação ao meio natural enquanto área, Thoreau aprecia seu ordenamento e funcionamento e o atrela à concepção romântica da paisagem influenciada por Emerson, tendo-a como fonte de beleza e de redenção, uma manifestação do divino e da verdade. À natureza componente dos seres e que permeia o mundo Thoreau chamou *wildness*, traduzida por *espírito selvagem*. Já o meio natural enquanto matéria foi tratado por *wilderness*, as *regiões naturais selvagens*.

Uma região selvagem [*wilderness*] é uma área, um setor do mundo. O espírito selvagem [*wild*] é uma característica, um traço do mundo [...] algo que está presente no mundo muito além dos limites dessas sacrossantas áreas selvagens. Pode haver um aspecto selvagem do mundo que permeia a maior parte do mundo, talvez todo ele, incluindo os arredores nos quais a maioria das pessoas vive suas vidas (Hunt, 2019, p. 61).

Esta ideia é desenvolvida de forma prática em *Caminhada*, quando Thoreau (CA, 1984) defende a necessidade de tomar o caminho do espírito selvagem (*wildness*) para a preservação do mundo. Entretanto, a interpretação que o nascente movimento preservacionista fez da obra do autor a este respeito distorceu a perspectiva de Thoreau e distanciou a vida humana e a natureza. Parte da inspiração para a efetivação política da ética romântico-transcendental da preservação – e de sua crítica – adveio justamente dessa

afirmação de Thoreau de que “*in the wildness is the preservation of the world* [no espírito selvagem está a preservação do mundo]” (CA, 1906, p. 224). De acordo com Hunt (2019, p. 61), o trecho fora distorcido para “*in the wilderness is the preservation of the world* [nas áreas selvagens está a preservação do mundo]”, transformando o sentido original. Somando-se a esta interpretação o caráter sagrado ou espiritual da natureza, oriundo, em certa medida, da ideia do paraíso terrestre, o movimento romântico-transcendental incluiu em seu programa que as áreas a serem preservadas deveriam ser intocadas<sup>18</sup>.

Hunt (2019) é quem identifica esta divergência ao verificar que este distanciamento não reflete o pensamento de Thoreau. Em *Walden*, por exemplo, na introdução do capítulo *Solidão*, lê-se que “é uma noite deliciosa, em que o corpo é um sentido só, e absorve prazer por todos os poros. Vou e volto em estranha liberdade na natureza, uma parte dela mesma” (Thoreau, WA, 2018, p. 129). Já nas palavras iniciais de *Caminhada*, Thoreau afirma: “Desejo me pronunciar a favor da Natureza, a favor da mais absoluta liberdade e do estado mais absolutamente selvagem [*wildness*], em contraste com uma liberdade e uma cultura meramente civis – quero defender o homem como um habitante, uma parte e uma parcela da Natureza e não como membro da sociedade” (Thoreau, CA, 1984, p. 81). No desenvolvimento da obra, expressa, ainda: “deixe-me viver onde eu quiser, deste lado está a cidade, daquele está a selva [*wilderness*], e cada vez mais estou deixando a cidade e me retirando para a selva [*wilderness*]” (Thoreau, CA, 1906, p. 218). Para Hunt (2019, p. 72), “o que temos aqui é um apelo pela preservação das áreas selvagens [*wilderness*], talvez o primeiro já publicado. Ele vem de alguém que acredita que uma área selvagem não é uma reserva [intocada], e uma reserva não é uma área selvagem”. A condição selvagem é

---

<sup>18</sup> Diegues, em *O mito moderno da natureza intocada* (2008), demonstra como tal consideração no preservacionismo produz um neomito tendo em conta que promove uma simbiose entre o pensamento racional (processos ecológicos, conceitos de comunidade, biodiversidade, ecossistema) e o mitológico (paraíso, beleza primitiva intocada).

tida como componente do mundo, em complemento à condição espiritual. Em *Walden*, o autor afirma:

Eu encontrava, e ainda encontro, em mim um instinto para uma vida mais elevada ou, como dizem, espiritual, como ocorre com muitos homens, e um outro instinto para um nível primitivo e a vida selvagem, e reverencio ambos. Amo o bom como amo o feroz [*wild*] (Thoreau, WA, 2018, p. 203).

Em *As florestas do Maine* Thoreau (FM, 2009, p. 144) sugere a existência de reservas para limitar o avanço da civilização, diferenciando certos espaços da natureza para “inspiração e verdadeira recreação”. Na mesma obra, influenciado pela visão de Emerson sobre a natureza e pelo romantismo, afirma que “não só pela força, mas pela beleza, o poeta deve, de tempos em tempos, percorrer o caminho do madeireiro e a trilha do índio, para beber em alguma nova e revigorante fonte das Musas, nas profundezas do mundo selvagem” (Thoreau, FM, 1906, p. 184), pois “ela mais floresce sozinha, longe das cidades onde residem” (Thoreau, WA, 2018, p. 193). Sugere, assim, que distante da civilização é que se pode encontrar a natureza tal como ela é, e não como mero instrumento, recurso ou adversário, o que ecoa sua avaliação de que a reforma moral pretendida para a sociedade decadente só seria possível ao despir-se dela. Adicionalmente, o experimento de convívio em meio à natureza narrado em *Walden* (como explicita seu por vezes utilizado subtítulo “vida nos bosques”) foi motivado pelo objetivo de “viver profundamente e sugar a vida até a medula, viver com tanto vigor e de forma tão espartana que eliminasse tudo o que não fosse vida” (Thoreau, WA, 2018, pp. 95-6), e apresenta um elogio à vida atrelada à natureza:

A própria simplicidade e despojamento da vida do homem nos tempos primitivos traz pelo menos essa vantagem, que ainda lhe permitia ser apenas um hóspede na natureza [...]. Mas, ai! Os homens se tornaram os instrumentos de seus instrumentos. [...] ora, o gosto pelo belo se cultiva melhor ao ar livre, onde não há casa nem administração doméstica (Thoreau, WA, 2018, pp. 47-8).

Não se trata, assim, de atrelamento da vida à natureza a partir da simples contemplação, esporádica, em visitas para revigorar o espírito, como se verifica em certa medida na ética romântico-transcendental da preservação como favorecimento aos intelectuais e aos poetas, mas de efetivação da vida em meio a ela, de forma perene, podendo-se até mesmo afirmar o oposto: as visitas esporádicas são aquelas à cidade, como praticou enquanto vivia às margens do lago Walden.

Pescadores, caçadores, lenhadores e outros que passam a vida nos campos e florestas, em certo sentido como partes da própria Natureza, muitas vezes têm melhor disposição para observá-la, nos intervalos de suas atividades, do que os filósofos ou mesmo os poetas, que se aproximam dela com muitas expectativas (Thoreau, WA, 2018, p. 203).

Por vezes, de fato, o autor menciona a importância das áreas naturais para a vida das cidades e para o revigoramento das pessoas, mas em nenhum momento ratifica o distanciamento e a prioridade do “visitante civilizado” que ficaram vinculados ao modelo de preservação que em Thoreau se inspirou. A relação entre os humanos e o mundo natural para Thoreau excede a esporadicidade. As áreas selvagens permitem o distanciamento da civilização e um contato mais sincero com a consciência, porém o espírito selvagem permeia o mundo e é da consciência parte constituinte.

### 3.1.3 Pioneirismo ecológico

Grandes foram as influências de Emerson sobre Thoreau, em especial em matéria de ética (Hunt, 2019), como as ideias sobre a natureza e a *self-reliance*. Havia, porém, diferenças marcantes, como o maior interesse de Thoreau por assuntos práticos do que por metafísica, ao contrário de Emerson, assim como por métodos e teorias científicas que ele (Hunt, 2019). Assim, para além do aspecto romântico e da relação com os seres humanos, Thoreau também se dedicou a conhecer a natureza enquanto objeto de estudos ambientais.

Inspirado pelo interesse por história natural cultivado desde cedo no ambiente familiar (Holmes, 1929), e, na fase final da vida, pelos escritos de Humboldt, Darwin e outros autores das ciências naturais (Walls, 1995), Thoreau realizou estudos pioneiros em ecologia, alinhando à sua apreciação moral da natureza importantes contribuições ao inventário da natureza da Nova Inglaterra, levantamentos topográficos e mapeamentos, como da batimetria do lago Walden e da interação do lago com a atmosfera no inverno, e, principalmente, à agricultura científica e aos estudos de sucessão florestal e dispersão de sementes (Worster, 1994; Trudgill, 2012).

Trudgill (2012) destaca que enquanto o estudo das dinâmicas da vegetação só se desenvolveu plenamente a partir de 1900 e que Pasteur só havia refutado a teoria da geração espontânea em 1859, em 1860, Thoreau, atualizado com a ciência natural da época, argumentava que a sucessão de plantas e o desenvolvimento de florestas não se davam pela geração espontânea, nem tampouco eram explicadas apenas pelas propriedades de dormência das sementes, estas já destacadas por Dureau de la Malle em 1825, mas que o transporte delas tinha papel fundamental nesses processos ecológicos. Assim, Thoreau associou às dinâmicas da vegetação também os animais, a ação humana e os elementos do clima, numa perspectiva integrada do funcionamento da paisagem a partir da morfologia das sementes e dos padrões de sucessão que observava. A obra em que Thoreau trata deste assunto é *The succession of forest trees* [A sucessão das árvores florestais] (1860), posteriormente incorporada a uma publicação mais ampla sobre o tema, *The dispersion of seeds* [A dispersão das sementes] (1993). As dimensões científicas deste estudo sugerem que não fosse sua morte prematura Thoreau poderia ter avançado ainda mais na ciência natural que transformava o entendimento do mundo, o que ampliaria consideravelmente o reconhecimento de Thoreau como pioneiro da ecologia (Berger, 1996), visto que hoje suas considerações para este campo são pouco conhecidas (Trudgill, 2012).

Além de tratar-se de um assunto botânico, área à qual Thoreau tinha grande afeição, o interesse de Thoreau pela sucessão de florestas também se deu pelo que representa enquanto possibilidade de regeneração da natureza, em contrariedade à dominação humana (Worster, 1994; Trudgill, 2012), que à época via na derrubada dos bosques uma manifestação do progresso da civilização. Eis aí uma manifestação prática dos interesses filosóficos de Thoreau articulados com sua propensão à ciência empírica.

Barron (2006) destaca que *A dispersão das sementes* manifesta uma abordagem holística que hoje se chamaria interdisciplinar, e que, ainda que parte da crítica tenha se dado justamente por isso, trata-se de “um exemplo prototípico de como a Geografia (tanto física quanto cultural) e a Literatura podem ser unidas” (Barron, 2006, p. 96). O autor destaca ainda que há uma divisão disciplinar forte entre Literatura e Geografia, e que aquela em muito se beneficiaria em conhecer mais sobre o espaço do que a simples localização (*setting*) dos fenômenos, a exemplo de Thoreau, que lidava bem com as humanidades e com as ciências, fazendo um “impressionante uso” do conhecimento geográfico. Para Barron (2006), ao lidar com o movimento das florestas de Concord, *A dispersão das sementes* tem um foco inconfundivelmente espacial e é um claro exemplo de como Thoreau lidava com a Geografia e disseminava o conhecimento geográfico combinando empiria e poesia e rompendo as barreiras do físico e da percepção.

Ao mesmo tempo em que lida com os aspectos visíveis da paisagem, Thoreau também se interessa grandemente pelas inter-relações entre os elementos, a chamada fisiologia da paisagem, que introduziu a ecologia no domínio geográfico (Moraes, 2007), sendo o estudo sobre a dispersão das sementes um exemplo. Ainda outra manifestação dos interesses espaciais de Thoreau se dá pela categoria não mais da paisagem, mas do lugar. Benesch (2012), por exemplo, coloca-o ao lado de Heidegger como autores que oferecem reflexões para uma política moderna do lugar, cujas reverberações pós-estruturalistas subsidiaram a toponálise de Foucault e Deleuze. Identificar Thoreau com vertentes específicas da Geografia, porém, não é algo auto-evidente, mas tampouco é

imprescindível, evitando-se assim eventuais novas barreiras para a compreensão de suas contribuições amplas.

Enfim, a ciência natural chega a Thoreau em finais da década de 1840 e se faz marcada em seus escritos da fase final da vida, complementando seu legado na abordagem da natureza com preocupações morais, estéticas e ambientais.

### **3.2 Fidelidade à consciência: a individualidade e a ética da desobediência**

Conforme destaca Altran (2017, p. 267), “a liberdade é um conceito fundante no pensamento thoreauviano, não apenas em sua dimensão ética-política, mas também em sua dimensão existencial mística”. Elas se relacionam na primazia das reformas éticas sobre as reformas materiais em Thoreau. O contato com a Verdade adviria da simplificação material proporcionada pela vida na natureza, longe das artificialidades da cidade e da vida social, o que permitiria a verificação de que muito do que se crê necessário é na verdade baseado em falsas percepções, advindas de uma dependência para com ideias, governos, religiões, instituições, enfim, que, além de não serem necessárias, são inconvenientes. O indivíduo seria livre, assim, ao assumir a autenticidade da vida “retirando a poeira que encobre a visão”, simplificando as necessidades e assim desvinculando-se do fútil (Altran, 2017), um processo de metamorfose e crise existencial (Nunes Simões, 2010).

O desprendimento do que é colocado como justo ou necessário pela sociedade ou outras forças dominantes se dá tanto ao nível material como da moral e dos valores. A partir dessa autonomia, a efetivação da liberdade absoluta seria expressa pela convergência entre prática e consciência, sempre em aperfeiçoamento em busca da Verdade. Quando da existência de obstáculos que se coloquem frente ao justo, a desobediência seria não apenas justificada, mas necessária. O que, portanto, concorre contra a liberdade não é a sociedade propriamente, mas o artificial e desnecessário

travestido de essencial, que distrai as consciências e as leva a abdicar de decidir e a seguir “oráculos incertos” (Thoreau, WA, 2018, p. 20) como a lei, a elite e as instituições. Em resumo,

o projeto thoreauviano não é uma tentativa de destruir a coletividade: seu projeto visa curar os males interiores (como a competitividade e o medo da insuficiência) pelo isolamento da sociedade (que se dá na natureza), atingindo a consciência da verdadeira lei (mística da natureza) e então retornar com o remédio (virtude e liberdade pessoal), que se transforma em poder político (a desobediência) em prol de um mundo justo (ética) (Altran, 2017, p. 271).

A vida humana, em Thoreau, é centrífuga, num movimento de dentro para fora. Assim, a vida mais virtuosa é aquela que se aproxima do gênio (Hunt, 2019). Ainda que o corpo físico seja perseguido, a exemplo pelo governo, como expresso em *Desobediência Civil*, esta possibilidade de proximidade, que proporciona a liberdade absoluta, não pode ser alcançada por tal perseguição, pois a liberdade seria a obediência à lei moral, superior: “é a submissão à lei do próprio ser e a conquista do eu, uma tentativa de corrigir os falsos valores atribuídos às coisas materiais, de subjugar-las e sublimá-las” (Mehta, 1962, p. 254). Eis aí um aspecto central de influência de Thoreau sobre os movimentos pacifistas de busca por direitos civis no século XX. Gandhi, em sua defesa frente ao magistrado após o primeiro satyagraha, em Champaran, no norte da Índia, em 1917, afirmou: “desrespeitei a ordem que me foi dada, não por falta de respeito à autoridade legal, mas em obediência à lei superior do nosso ser, a voz da consciência” (Mehta, 1962, p. 255).

Thoreau, portanto, levanta à teoria política a importante pergunta sobre que tipo de indivíduos se deve ser (Abbott, 1985). Hunt (2019) reforça que a preocupação de Thoreau é com “que pessoa se deve ser” mais que “o que se deve fazer”, trazendo-o como representante da ética das virtudes ao buscar o alinhamento da prática à consciência, que é plural, e sugerir que isto deve ocorrer não de forma esporádica, mas contínua. Assim, a

despeito do caráter de reforma moral de Thoreau, e de sua escrita crítica, Hunt (2019) entende que a proposta de vida boa de Thoreau não é impositiva. Para Cavell (1972), Thoreau escreveu pensando na capacidade dos leitores em entender e se identificar, com fé na humanidade, e não para apenas lhes apontar sua falência (Nunes Simões, 2010). Assim, a obra de Thoreau convida ao exame sobre a própria vida mais que aponta o caminho certo a ser escolhido, estimulando a reflexão sobre as práticas pessoais de cada um em busca da liberdade individual (Beppu, 1974; Williges, 2017, comunicação oral). Por reconhecer que a consciência de cada pessoa pode ser diferente das demais, “seu vitalismo necessariamente leva a uma concepção de vida boa que é profundamente pluralística” (Hunt, 2019, p. 26). Nas palavras de Thoreau (WA, 2018, p. 77, *italico no original*),

Eu não gostaria que ninguém adotasse meu modo de vida em hipótese alguma; pois, além de poder encontrar algum outro antes que ele tivesse aprendido direito este de agora, desejo que possa existir o maior número possível de pessoas diferentes no mundo; mas gostaria que cada uma delas se dedicasse a encontrar e seguir *seu próprio* caminho, e não o do pai, da mãe ou do vizinho [...]. Podemos não chegar a nosso porto num período calculável, mas manteremos o curso certo.

A individualidade e a conseqüente pluralidade são centrais na ética de Thoreau. Enquanto se pode observar raízes desse pensamento na *self-culture* e na *self-reliance*, a preocupação com o âmbito individual está presente no século XIX para além do contexto específico da Nova Inglaterra, como visto na subseção 2.4.1, estimulada pelas mudanças nos regimes políticos que ocorriam no Ocidente. Buscando ampliar o entendimento dessas e de outras ideias relevantes para a caracterização da liberdade em Thoreau, as próximas subseções trazem sua leitura paralelamente a de outros filósofos. Discute-se, inicialmente, a importância da individualidade em Thoreau em comparação a John Stuart Mill, demarcando as diversas aproximações entre eles, e, na sequência, o mesmo movimento é realizado com a defesa da desobediência e do respeito à consciência

individual em *A escravidão em Massachusetts*, de Thoreau, e em relação ao *Discurso sobre a servidão voluntária* de Étienne de La Boétie.

### 3.2.1 Individualidade e liberdade entre Mill e Thoreau

John Stuart Mill (1806-1873) foi um filósofo inglês com contribuições relevantes para os campos da política e da moral. Seus estudos levaram a um desenvolvimento mais profundo do utilitarismo e da perspectiva consequencialista da ética, e também contribuiu para o desenvolvimento dos princípios do liberalismo político, com foco na liberdade e na individualidade. Em *On Liberty* [Sobre a liberdade] (1859), o autor trata “da natureza e dos limites do poder que pode ser legitimamente exercido pela sociedade sobre o indivíduo” (Mill, 2001, p. 6), e apresenta seu princípio da liberdade, no qual afirma que “o único fim para o qual a humanidade está garantida, individual ou coletivamente, a interferir na liberdade de ação de qualquer um deles, é a autoproteção” (Mill, 2001, p. 13). Percebe-se por esta afirmação o papel central da individualidade em sua filosofia, dado que nada pode invadir a jurisdição do indivíduo, que é aquela das ações que dizem respeito apenas ao próprio agente e, portanto, estão exclusivamente sob sua decisão.

Ao destacar a luta constante entre liberdade e autoridade, Mill (2001) afirma que no passado liberdade significava “proteção contra a tirania dos governantes políticos”, colocando limites ao poder que poderia ser exercido sobre a sociedade. Com a adoção de um sistema de eleição (e destituição) de governadores temporários, que representariam o povo, a relevância desta limitação foi questionada, pois “a nação não precisava ser protegida contra sua própria vontade” (Mill, 2001, p. 7). Mill, porém, afirma, em relação ao pensamento europeu do século XIX, que “aqueles que admitem qualquer limite ao que um governo pode fazer [...] destacam-se como exceções brilhantes entre os pensadores políticos do continente” (Mill, 2001, p. 8), pois haveriam entendido que as circunstâncias são diferentes daquelas do passado, como a difusão das repúblicas democráticas, e

percebido que “as ‘pessoas’ que exercem o poder nem sempre são as mesmas pessoas sobre quem é exercido”. Assim, este autogoverno não consistia em governar sobre si mesmo, mas dizia respeito ao governo da maioria. Isto levou Mill a dizer que “nas especulações políticas, a ‘tirania da maioria’ é agora geralmente incluída entre os males contra os quais a sociedade deve estar em guarda” (Mill, 2001, p. 8-9).

Segundo Mill (2001), a tirania da sociedade é pior que a tirania de um governante porque aquela penetra muito mais profundamente nas particularidades da vida, impondo regras de conduta para coibir e prevenir a formação de individualidades desarmônicas. Dessa forma, no relacionamento da sociedade com os indivíduos que dela fazem parte é fundamental encontrar e manter o limite da interferência da opinião pública em assuntos individuais, tanto para “uma boa condição de assuntos da vida humana como proteção contra o despotismo político” (Mill, 2001, p. 9). A individualidade é considerada por Mill um elemento do bem-estar. A sociedade, no entanto, age contra a espontaneidade e as preferências pessoais, visando impor algum tipo de ordem a ser seguida. Como coloca Mill (2000, p. 104), este é um enorme problema: “onde a norma de conduta não é o próprio caráter, mas as tradições e costumes alheios, falta um dos principais ingredientes da felicidade humana, e, de modo completo, o principal ingrediente do progresso individual e social”.

A individualidade está intrinsecamente ligada à liberdade, e Mill, com base nesse entendimento, reuniu-as como ideias centrais em *Sobre a liberdade*. Mauro Simões (2013) destaca a importância da individualidade e da espontaneidade humana em Mill, expandindo a noção de felicidade de Jeremy Bentham baseada na maximização do prazer e a minimização da dor, à qual acrescentou a componente de autodesenvolvimento. No segundo capítulo de *Sobre a liberdade*, Mill afirma que “se toda a humanidade menos uma tivesse a mesma opinião, e apenas uma pessoa fosse de opinião contrária, a humanidade não estaria mais justificada em silenciar aquela pessoa que ela, se tivesse o poder, teria justificativa para silenciar a humanidade” (Mill, 2001, p. 18). Na relação permanente entre

a sociedade e os indivíduos que a compõem, não deverá haver predomínio da maioria a favor do cerceamento da liberdade dos indivíduos em relação aos domínios da consciência (pensamento, sentimento, religião, moral, opinião), quanto à possibilidade de ter um plano de vida de acordo com o seu próprio caráter, e quanto à associação: “nenhuma sociedade em que essas liberdades não sejam, em geral, respeitadas, é livre, qualquer que seja a sua forma de governo; e ninguém é completamente livre nas quais elas não existem de forma absoluta e inqualificável” (Mill, 2001, p. 16). A relevância da individualidade, assim, legitima a diversidade e estabelece freios para a ação de uns contra outros.

De forma bastante semelhante à expressa por Mill, Thoreau, em *Walden*, também afirma a predominância do indivíduo, que ele chama de “maioria de um”, e da liberdade de consciência na decisão do trato com a própria vida:

Quando um homem dá ouvidos às sugestões levíssimas, mas constantes, de seu gênio interior, que certamente são verdadeiras, ele não sabe a que extremos, ou mesmo a que loucura, pode ser levado; e no entanto é aí, à medida que se torna mais firme e fiel, que se encontra seu caminho. A objeção convicta de um homem saudável, por mais frágil que seja, com o tempo prevalecerá sobre os argumentos e os costumes da humanidade (Thoreau, WA, 2018, p. 208).

A concepção da importância do *self* é fundamental para a compreensão do programa de desobediência civil de Thoreau pois esta é ligada ao reconhecimento da autoridade interior que advém da consciência de cada um, orientando o indivíduo a posicionar-se a favor da decisão moral a que está inclinado, ecoando a *self-reliance* emersoniana. Em termos gerais, este é o fundamento da individualidade em Thoreau. Mill, em sua abordagem mais política, reserva o âmbito do indivíduo para ele próprio, independentemente das caracterizações morais ou das origens dos seus atos, desde que cumpram a condição fundamental de não causar danos aos outros. Como demonstra Medeiros (2018), é do romantismo inglês e, em certa medida, com distorções, da filosofia

idealista alemã pós-kantiana que Thoreau recebeu influências para tais interpretações, genealogia intelectual que é em certo sentido compartilhada com Mill, especialmente no que diz respeito as influências de Johann Wolfgang von Goethe, Samuel Taylor Coleridge e William Wordsworth, importantes expoentes do romantismo alemão e inglês, respectivamente, dos séculos XVIII e XIX.

Thoreau e Mill concordaram que a coerção sobre o indivíduo era ilegítima. Em *A escravidão em Massachusetts*, Thoreau afirma que “[...] qualquer que seja a lei humana, nem um indivíduo nem uma nação podem jamais cometer o menor ato de injustiça contra o indivíduo mais obscuro sem ter que pagar a pena por isso (Thoreau, EM, 1906, p. 394), ecoando o princípio da liberdade de Mill. É possível, assim, traçar conexões entre os autores também quanto às atitudes que dizem respeito apenas ao agente daquelas que vão além de sua esfera e afetam a outros. Em *Desobediência Civil* (1849), Thoreau afirma: “Se eu me dedicar a outras atividades e contemplações, devo primeiro cuidar, pelo menos, para não as perseguir sentado nos ombros de outro homem. Devo sair de cima dele primeiro, para que ele também possa prosseguir com suas contemplações” (Thoreau, DC, 1906, p. 365), em total consistência com Mill quando escreve que “a única liberdade que merece esse nome é a de perseguir nossos próprios interesses à nossa maneira, desde que não tentemos privar os outros do bem deles, ou impedir os seus esforços para obtê-lo” (Mill, 2001, p. 16). Considerando a sociedade em geral, esta concepção também está presente, quando Thoreau (DC, 1906, p. 362) diz, por exemplo, que “este povo [estadunidense] deve parar de possuir escravos, e de fazer guerra ao México, mesmo que isto possa lhes custar a existência como povo”. Há, portanto, uma condição fundamental para o julgamento da ação ou omissão dos indivíduos em ambos os autores, que é causar danos ou limitar a liberdade a terceiros.

Apesar da importância que os indivíduos têm nos tempos modernos, eles perdem-se na multidão, pois a sua originalidade e espontaneidade são reduzidas, tendo os meios de comunicação social um papel importante neste processo (Mill, 2001). A mídia, ao tomar

o poder que antes pertencia especialmente à Igreja e ao Estado, impulsiona a opinião pública, moldando a moralidade (Mill, 2001). “O editor”, escreve Thoreau, “é um pregador que sustentamos voluntariamente [...] mas quantos pregadores desses pregam a verdade?” (Thoreau, EM, 1984, p. 127). Nunes Simões (2010, p. 16) apresenta Thoreau como contrário à abolição da “ação espontânea”, que “define a pluralidade” e permite a autodeterminação, contrapondo-se, assim, a que os indivíduos sejam descritos apenas como posições sociais, convenções e hierarquias – nas palavras de Thoreau (DC, 1984, p. 29), “devemos ser em primeiro lugar homens, e só então súditos”. Neste sentido, Nunes Simões (2010) analisa *Walden* como um movimento de fuga do autor, num sentido de direcionamento de Thoreau do mundo externo ao seu interior, em busca de conhecimento a partir de sua experiência, da qual era sujeito e objeto ao mesmo tempo. Para ele, Thoreau se aplicou para “se demarcar da civilização e da cultura (num sentido amplo), procurando salvaguardar o domínio do privado – a intimidade – que considerava ser o espaço, por excelência, da realização humana”, sendo *Walden* um “tratado sobre a emancipação do indivíduo em relação ao coletivo”.

Tanto Mill quanto Thoreau, portanto, reconhecem a importância do respeito à esfera individual como elemento da efetivação da liberdade e condenam a coerção seja pelo Estado, seja pela sociedade. Enquanto Mill se preocupa sobretudo com a dimensão política da liberdade, Thoreau destaca a emancipação da consciência individual como substrato para que as pessoas sejam de fato livres, colocando o foco sobre a dimensão moral. A perspectiva thoreauviana, contudo, também tem implicações práticas e políticas em razão das transformações que almejava, o que é discutido nas páginas seguintes.

### 3.2.2 *A Escravidão em Massachusetts* e a coletividade da liberdade

Como dito, o fato de haver em Thoreau uma preocupação sobretudo moral com a transformação de sua época não faz com que seu pensamento seja distante da realidade

prática e material. Pelo contrário, como afirma em sua definição de filosofia como “economia do viver” (Thoreau, WA, 2018, p. 60), sua busca por mudanças é inspirada pela verificação das inconsistências, injustiças e desperdícios dessa realidade. Assim, embora apresente um forte caráter individualizante em sua abordagem da liberdade, ele o faz neste nível da transformação moral que se pode construir pela *self-culture*, mas não ignora a transformação prática da sociedade, como com sua proposta de desobediência civil. Assim, o objetivo das transformações morais se expande para além dos indivíduos.

Um exemplo encontra-se em *A escravidão em Massachusetts* (1854), quando Thoreau enfrenta com certa raiva e desprezo o fato de a sociedade em que vivia não haver encerrado toda a filiação à prática escravista. Apesar de Massachusetts já haver abolido a escravatura em seu território, fora aprovada, em 1850, a Lei do Escravo Fugitivo, que estabelecia que nos estados onde não havia a escravidão havia a obrigação de captura e retorno ao cativeiro de pessoas escravizadas eventualmente neles encontradas.

A obra fora apresentada inicialmente como discurso na Convenção contra a Escravidão ocorrida em Framingham, Massachusetts, em 4 de julho de 1854, e parte da desilusão de Thoreau vem do fato de o estado haver efetivamente posto em prática tal lei, como contra Anthony Burns, fugido da Virginia e condenado em Boston a retornar à escravidão. Thoreau descreve os soldados responsáveis pela captura de Burns como “idiotas cujas fardas coloridas lhes dão notoriedade” (Thoreau, EM, 1984, p. 122), e, sobre a mídia alinhada, como a publicação do Boston Herald manifestando apoio ao escravista no caso da condenação de Thomas Sims, em 1851, diz:

Quando peguei nesse trapo, de mangas arregaçadas, escutei nitidamente em cada coluna o burburinho de um esgoto passando. Senti que manuseava um pedaço de papel recolhido das galerias pluviais, uma folha arrancada do evangelho de um salão de jogatina, de um botequim infecto, de um bordel, em total harmonia, porém, com o evangelho da Bolsa de Mercadorias (Thoreau, EM, 1984, p. 128).

Também não poupa a sociedade de Concord, constantemente criticada pela falta de atitude em *Walden*, *Caminhada* e *Desobediência Civil*. Para ele, as celebrações pela liberdade em Concord, como naquele 4 de julho, eram hipócritas dado que eram indiferentes à liberdade alheia, expressa pela associação com as autoridades “para devolver à escravidão um homem inteiramente inocente” (Thoreau, EM, 1984, p. 122)<sup>19</sup>. Cabe destacar, também, que Thoreau e sua família participavam do movimento da *underground railroad*, que recebia, hospedava e encaminhava clandestinamente as pessoas escravizadas fugidas do sul para o Canadá, onde poderiam viver sem a ameaça do retorno à servidão:

Nos dias de hoje, os homens põem na cabeça o chapéu do bobo da corte e o chamam de chapéu da liberdade. Não sei bem, mas acho que há homens assim que se estivessem amarrados numa estaca para serem chicoteados e conseguissem desvencilhar uma das mãos, usariam os dedos para soar sinos e disparar canhões para celebrar a *sua* liberdade” (Thoreau, EM, 1984, p. 123; destaque no original).

Thoreau adequa o que apresenta em *Walden*, sobre os indivíduos não deverem abdicar da consciência e serem “primeiramente homens e só depois súditos”, e destaca que “em primeiro lugar eles [compatriotas] devem ser homens, e norte-americanos apenas numa hora tardia e conveniente” (Thoreau, EM, 1984, p. 129). Porém, por meio da conveniência não se pode realizar “uma reforma de alcance moral”: “Dessa forma, somos adoradores sistemáticos da riqueza acumulada, na escola e no estado e na igreja, e amaldiçoamos Deus do sétimo dia com uma pincelada de tinta de uma ponta a outra do

---

<sup>19</sup> Nesta passagem, referia-se ao caso de Thomas Sims, condenado em 1851. Em 1863, durante a Guerra de Secessão, voltou a fugir, acompanhado da família, de Vicksburg, Mississippi, e retornou a Boston (National Park Service, 2020). Quanto ao caso de Anthony Burns (1834-1862), houve tamanha mobilização social a respeito do julgamento que o condenou que parte da comunidade negra de Boston, por meio do ministro batista Leonard Grimes, também um homem negro nascido na Virgínia, porém livre, organizou o recebimento de doações para compra da liberdade de Burns em 1855. Nos anos seguintes, estudou teologia e se tornou pastor da igreja batista em Indianapolis, e, por fim, no Canadá, onde morreu em 1862, em decorrência de moléstias adquiridas no período no cativeiro pós-condenação (Finkelman, 2021).

país” (Thoreau, EM, 1984, p. 130). Adia-se a solução, e “a dívida vai se acumulando” (Thoreau, EM, 1984, p. 119).

Por fim, se pode verificar que estas condições da sociedade afetam a Thoreau, que percebe limitações à abordagem centrada no indivíduo numa sociedade moralmente injusta:

Nunca tinha respeitado o governo perto do qual eu moro, mas tolamente pensei que podia esquecer dele e viver por aqui tratando de minhas preocupações particulares. De minha parte, quero dizer que minhas atividades tradicionais e mais queridas perderam nem sei dizer quanto de sua atração [...] (Thoreau, EM, 1984, p. 132).

Esta obra destaca, assim, o compromisso que a liberdade individual tem para com o coletivo no pensamento de Thoreau, reafirmando que a busca pelo aprimoramento moral individual não é e não pode ser uma busca egoísta, mas deve objetivar a reforma dos padrões éticos de toda a sociedade.

### 3.2.3 Resistência à injustiça e desobediência civil

Dentre os temas de maior contribuição de Thoreau, encontra-se o da desobediência civil. Seu ensaio de 1849 originalmente intitulado *Resistance to civil government* [Resistência ao governo civil]<sup>20</sup> foi motivado pelo episódio em que, em 1846, enquanto morava às margens do lago Walden, foi para a cidade buscar um sapato no conserto e acabou preso pelo permanente não pagamento da poll tax<sup>21</sup>, que contribuía para o financiamento da escravidão e do expansionismo bélico estadunidense. Passou apenas uma noite na prisão,

---

<sup>20</sup> Publicado originalmente sob tal título, popularizou-se sob a denominação “*Desobediência civil*”. A primeira palestra sobre o que viria a ser a publicação posterior era, no entanto, intitulada “*On the relation of the individual to the State*” [Sobre a relação do indivíduo com o Estado] (Hunt, 2019).

<sup>21</sup> Imposto que garantia, entre outros, o direito ao voto, existente nos estados do sul e em alguns do norte, incluindo Massachusetts, tendo sido completamente abolido em 1964.

mas a experiência lhe levou a produzir uma importante e influente reflexão sobre o posicionamento frente às leis injustas:

Se ela [a injustiça] for de tal natureza que exige de você ser o agente de uma injustiça para outros, digo, então, que se transgrida a lei. Faça da sua vida um contra-atrito que pare a máquina. O que preciso fazer é cuidar para que de modo algum eu participe das misérias que condeno (Thoreau, DC, 1984, pp. 36-37).

A desobediência civil não se compara com a desobediência criminosa (Arendt, 2010), pois o desobediente civil, diferentemente do criminoso, torna seu ato de dissidência público em desafio à norma ou à maioria dominante, agindo em prol de um grupo marginalizado. Trata-se de atos de resistência, pela mudança ou pela permanência, mas eminentemente de posicionamento político ante uma posição que se impõe. Quanto à desobediência civil em Thoreau, Hannah Arendt (2010, p. 57) afirma que ele “debate sua causa não no campo da moral do cidadão em relação à lei, mas no campo da consciência individual e do compromisso moral da consciência”. Para Thoreau, tal compromisso moral não está no combate ao erro, mas em não ser instrumento do erro, mesmo que isso lhe custe a própria existência, tanto a nível pessoal (prisão, morte) como coletivo. Como discute Frédéric Gros (2018, p. 83), utilizando o exemplo da desobediência de Antígona frente a Creonte, em *Antígona*, de Sófocles, “essa desobediência é a outra face de uma obediência superior”, contrapondo a legalidade à legitimidade.

Étienne de la Boétie (1530-1563), filósofo francês, foi autor de um dos textos mais influentes sobre a desobediência civil a nível individual como contraponto à opressão geral. No *Discurso sobre a Servidão Voluntária* (1576), La Boétie questiona o motivo pelo qual multidões se submetem à dominação de um tirano. Ele argumenta que esta submissão não ocorre necessariamente por covardia, mas porque as pessoas aderem ativamente à exploração e à injustiça por meio de um sistema de servidão voluntária, que se estrutura de maneira simples e se perpetua ao aparentar-se vantajoso pois oferece a cada indivíduo a oportunidade de exercer tirania sobre outros (Gros, 2018). O ponto

central do sistema de servidão é que há uma base que se estende: tendo no topo o tirano – o que, para Thoreau, representa também a lei, a opinião pública e a tradição –, cresce, sob ele, o número dos que buscam tomar parte na tirania, visto que “o tirano submete a uns por intermédio dos outros” (La Boétie, 1982, p. 25). Assim, para La Boétie, não é preciso combater o tirano para destruí-lo, mas basta não o servir, uma vez que ele se sustenta apenas em razão da adesão dos indivíduos ao sistema de opressão. De maneira semelhante, Thoreau entende que a revolução se completa quando “o súdito nega a lealdade” e “o funcionário renuncia ao cargo”, pois a “agressão à consciência também provoca um tipo de ferimento grave” (Thoreau, DC, 1984, p. 39). Eis as bases da influência de Thoreau sobre o princípio de não-agressão de Gandhi, que posteriormente influenciara também o movimento por direitos civis nos EUA sob a liderança de Martin Luther King Jr.

A prioridade do senso moral individual é o fundamento de sua *Desobediência civil*. As primeiras páginas são dedicadas a afirmar a prioridade individual frente ao Estado, e a consciência individual frente ao coletivo, pois as instituições que critica – o governo e o exército – são, em sua análise, imorais e injustas, e na maioria das vezes não são mais que inconveniências.

Deve o cidadão desistir de sua consciência mesmo por um único instante ou em última instância, e se dobrar ao legislador? Por que então estará cada homem dotado de uma consciência? Na minha opinião, devemos ser em primeiro lugar homens, e só então súditos (Thoreau, DC, 1984, p. 29).

Da contraposição do si mesmo frente ao receituário da maioria, expresso pela tradição ou pela lei, advém a concepção da prática política em Thoreau. Altran (2017, p. 267) afirma que

A visão política implícita nos textos de Thoreau é a de que a liberdade pessoal é conquistada a partir de um processo íntimo de não-dependência daquilo que a sociedade, como uma quimera construtora de valores e mandamentos, preconiza como moral e

necessário. Esta autonomia confere ao indivíduo uma liberdade diante do Estado que, embora não seja ‘cedida’ por ele, encontra na desobediência civil sua forma de expressão e ação.

“O problema da filosofia política de Thoreau”, continua Altran (2017, p. 268), “não é precisamente o Estado, mas – pode-se dizer –, a soberania”. Por isso, “o que desej[a] *imediatamente* é um governo melhor, e não o fim do governo”, sendo que “sua conveniência máxima só ocorre quando os governados são minimamente molestados pelos seus governantes” (Thoreau, DC, 1984, p. 28). Estas formulações expressam a relação do indivíduo com o governo, a sociedade e a política, de forma geral, com a devida prioridade ao indivíduo, característica de seu pensamento.

Assim, como visto, a importância do indivíduo é basilar para a compreensão da desobediência civil em Thoreau, pois se trata de atitude vinculada ao reconhecimento da autoridade interna que advém do gênio de cada um em prol de uma reforma ética geral. Beppu (1974, p. 8) reafirma a importância do respeito do indivíduo a si próprio para a conseqüente possibilidade de desobediência esclarecida, e destaca a disciplina e a confiança na consciência moral: “para poder dizer o que Thoreau diz, primeiro precisamos aprender a nos respeitar, convencidos do divino que há em nós. É fácil imitar sua ‘desobediência civil’, mas difícil seguir sua disciplina de autoconfiança”.

## SEÇÃO 4: CONSIDERAÇÕES FINAIS

A liberdade em Thoreau tem um forte aspecto individual e advém da efetivação prática das deliberações morais produzidas pelo indivíduo. Assim, o autor busca limitar a possibilidade de coerção e encontrar as direções para a própria vida na consciência individual com base na autoconfiança emersoniana, o que o aproxima das concepções de liberdade trazidas por Abbagnano (2007) que enfocam a determinação interna e a autocriação do eu e também daquelas que reconhecem a existência de condicionantes que limitam as possibilidades de escolha. Seguir a própria consciência, ausente de determinações externas e que, portanto, segue as vibrações da Verdade (Emerson, 1967) – em outras palavras, ser livre – é que garantiria a liberdade dos demais ao não se deixar ser instrumento de injustiça, o que provê certa circularidade que relaciona liberdade individual e coletiva no pensamento thoreauviano.

A opressão, porém, é expressa não apenas de forma direta entre as pessoas. Em sua busca pela reforma ética da sociedade em que vivia, muitas foram as críticas que ofereceu ao sistema econômico que transitava de agrícola para um capitalismo avançado, as quais tinham a componente moral sempre mais destacada. Embora não elabore uma crítica do capitalismo, por toda parte via as degenerações que produzia<sup>22</sup>, e identificou que a lógica que se desenvolvia conforme aquele espírito comercial era oposta a sua proposta ao promover o egoísmo. A possibilidade de reduzir as determinações externas da consciência seria maior em meio à natureza, fonte de regeneração e redenção. O foco que colocava na natureza não era apenas pelo meio ambiente enquanto espaço material, mas

---

<sup>22</sup> Conforme destaca Arns (1966) em *Vida sem princípio* (1863) Thoreau critica o modo de vida pautado no dinheiro e afirma que “nada há, nem mesmo o crime, que se oponha mais às atividades superiores do homem e à própria vida que este incontido espírito comercial”, a exemplo as corridas do ouro no oeste estadunidense, sobre as quais diz que “refletem a maior desgraça da humanidade”. Esta obra, cujo título é uma resposta aos que diziam que ele vivia sem princípios, distante dos valores, afirma serem eles, os críticos, os que não tem princípios por viverem como vivem. De certa forma, isto contribui para a reflexão de Standish (2006) de que a filosofia de Thoreau é proto-nietzscheana.

devido ao espírito selvagem, *wildness*, a antítese da coerção social fútil e descabida. É por meio dele que seu projeto poderia se efetivar: onde o “espírito selvagem” não fora substituído pelas limitações civis (Thoreau, CA, 1984). Trata-se do reconhecimento do mundo como substrato para o desenvolvimento da consciência, para desfazer-se das artificialidades e das falsas necessidades, seguida pelo descarte amplo da “liberdade meramente civil” ao “tornar-se se parte e parcela da Natureza”.

O Unitarismo e o Transcendentalismo, somados ao contato desde a infância com a história natural, levaram Thoreau a construir uma abordagem da natureza que a tinha por sagrada, bela e ordenada, uma alternativa e resposta à decadência humana. O meio natural era visto, assim, em contraposição ao estilo de vida que via nascer na Nova Inglaterra do século XIX, produzido a partir da degradação das paisagens e da tomada da natureza por mero recurso material. Contra a artificialidade nas relações sociais de seu tempo, envoltas num espírito comercial urbano-industrial (Thoreau, 1837)<sup>23</sup>, Thoreau receitava o espírito selvagem e os espaços abertos para ali confrontar-se com os fatos essenciais da vida (Thoreau, WA, 2018) ao encontrar-se só com sua consciência, e assim poder viver em “liberdade absoluta” (Thoreau, CA, 1984). A partir das obras de Humboldt, passa a contemplar a natureza ainda de outra maneira, adicionando a reflexão da função dos elementos da paisagem à ordem que anteriormente supunha fundada nas formas.

---

<sup>23</sup> “E é sério que se pergunta se a prevalência de tal espírito [comercial, fundado num cego amor à riqueza] pode ser prejudicial para uma comunidade? Onde quer que exista, é demasiado certo que se tornará o espírito *dominante* e, como consequência natural, infundirá em todos os nossos pensamentos e afeições um grau de seu próprio egoísmo; nos tornamos egoístas em nosso patriotismo, egoístas em nossas relações domésticas, egoístas em nossa religião. Que os homens, fiéis à sua natureza, cultivem afeições morais e levem vidas humanas e independentes; que os tornem ricos os meios e não o fim da existência, e não ouviremos mais falar do espírito comercial. O mar não ficará estagnado, a terra estará tão verde e o ar tão puro como sempre. Este curioso mundo que habitamos é mais maravilhoso do que conveniente, mais belo do que útil - é mais para ser admirado e apreciado do que usado” (*The commercial spirit of modern times considered in its influence on the political, moral, and literary character of a nation* [O espírito comercial dos tempos modernos considerado em sua influência sobre o caráter político, moral e literário de uma nação], Thoreau, 1837).

Thoreau, então, realiza um movimento em sua abordagem da natureza. Inspirado por Goethe, Thoreau queria deixar a verdade do mundo falar através dos fatos da experiência, sendo não um criador, mas um condutor para a verdade<sup>24</sup> (Walls, 1995, p. 35). Ao abrir os sentidos ao máximo, o espírito que tudo conecta, de Emerson, se manifestaria. Contudo “como o mundo não escreveria a si mesmo”, a solução de Thoreau foi buscar a harmonia do todo por meio do conhecimento do particular, passando de condutor passivo da verdade a seu buscador ativo (Walls, p. 1995, p. 36), uma busca individual pela harmonia com a natureza: “marche sozinho ao ritmo do tambor da verdade e o universo marchará contigo”. Assim, a partir de Humboldt, o empirismo e a fisiologia da paisagem crescem de importância na vida de Thoreau com a natureza enquanto reafirmava seu caráter espiritual e de valor em si mesma, que foi herdado pela filosofia romântico-transcendental da preservação.

As filosofias de preservação da natureza que surgiam herdaram de Thoreau concepções advindas tanto do caráter moral e espiritual que outorgou à natureza quanto da interpretação da paisagem como um organismo, com elementos interagindo num sistema ordenado. Apesar de sua perspectiva ecológica moderna, Thoreau é pouco reconhecido por ela e é por vezes tido como a “contraparte estética” de outro crítico à degradação ambiental importante para o início do movimento ambientalista, George Perkins Marsh, cuja abordagem tinha caráter mais pragmático e de análise física do dano causado ao meio natural nos EUA (Lowenthal, 2000; Pipkin, 2001). Thoreau teve, também, grande influência sobre John Muir, pioneiro na proposição bem-sucedida de criação de parques nacionais para preservação ambiental no mundo. A ética romântico-transcendental da preservação, na qual Muir se encaixa, destacou o valor da natureza com uma dimensão mais poética e contemplativa, distanciando a vida cotidiana das áreas naturais, o que parece haver sido inspirado numa interpretação distorcida da proposta

---

<sup>24</sup> Função do poeta, segundo Emerson.

thoreauviana (Hunt, 2019). No século XX, já com o princípio ecológico-evolutivo bem estabelecido, novas propostas que associavam à natureza aspectos espirituais surgiram, retomando escritos de Thoreau.

Sua busca por contar a história da natureza e do homem como um ato único não era uma tentativa extemporânea: o romantismo e a modernização das ciências davam o pano de fundo que tornava tal empreitada possível (Walls, 1995). E Thoreau é um representante de seu tempo, com influências de ambos os lados em sua aproximação com a natureza. Walls (1995) traz que Thoreau abordou a totalidade da natureza de duas formas: pelo holismo racional e pelo holismo empírico. O holismo racional se relaciona com a teologia natural anglo-americana, com Emerson e Goethe, e via a natureza como uma unidade divina ou transcendental, apenas apreensível pelo pensamento. O holismo empírico, “alternativa emergente”, enfatizava que o conhecimento do todo só se daria a partir do conhecimento da interconexão entre as partes, e foi praticada por Humboldt e pelos que por ele foram influenciados, como Darwin. Enquanto o holismo racional se tratava de uma manifestação da visão da natureza do romantismo, o holismo empírico, destacado em Thoreau a partir do final dos anos 1840, é resultante do avanço da ciência natural e da modernização das ciências no século XIX.

Walls (1995) e Pipkin (2001) destacam notáveis semelhanças entre Thoreau e Humboldt em termos de retórica e estilo, enfatizando a integração de saberes como a filosofia, a estética, a história natural, o interesse pela botânica, o empirismo e a utilização de instrumentos de medição. Contudo, a abordagem de Thoreau em relação à natureza difere da de cientistas como Humboldt em dois pontos específicos: seu enfoque localista e sua crítica social. Quando tratava de lugares desconhecidos, Thoreau se aproximava do geógrafo prussiano na forma como observava e narrava a paisagem. Ao tratar daqueles já conhecidos, porém, adicionava camadas de complexidade a partir de sua experiência pessoal (Pipkin, 2001). Em *Walden, seu lugar*, isto é bastante evidente.

Sua obra “compreende uma série extraordinariamente rica de representações de paisagens e lugares, exemplificando em vários níveis as tensões do modernismo inicial” (Pipkin, 2001, p. 527). Além disso, Thoreau escreve no período da institucionalização da Geografia, e de maneira “surpreendentemente análoga” à da Geografia Cultural tradicional (Pipkin, 2003, p. 1), oferecendo rico material sobre a análise da paisagem para o estudo da história desse campo (Pipkin, 2001). Esta abordagem dialoga e contribui com a perspectiva ampla e interdisciplinar de Oakes (1997) que defende que os geógrafos devem voltar-se aos textos literários para compreender melhor o conceito de lugar na modernidade.

Thoreau tem uma relação com o lugar que se manifesta como interesse profundo pela percepção e pela busca por autenticidade, com foco maior sobre o caráter que sobre o material na relação dos indivíduos com o espaço. Nesse sentido, Benesch (2012) o analisa paralelamente à Heidegger como dois dos autores que providenciaram as bases para os desenvolvimentos recentes sobre tal categoria espacial. Perspectivas críticas também comentam este aspecto na obra thoreauviana, como o geógrafo marxista britânico David Harvey, para quem *Walden* é uma obra centrada na categoria de lugar e que opera processos ecológicos e conhecimento sobre a natureza em pequena escala, sendo isto também sua limitação por não englobar os processos socioecológicos mais amplos, não passíveis de serem captados pela experiência fenomenológica (Harvey, 1996). Apesar das limitações teóricas desta categoria, o que cabe destacar é que a obra de Thoreau é tida como dotada de potencial para ilustrá-la e contribuir com sua evolução. Heidegger foi um dos pilares para a construção de uma fenomenologia geográfica pela Geografia Humanista desenvolvida na segunda metade do século XX, sendo seu pensamento central para a construção de uma ontologia geográfica por Edward Relph (Marandola, 2012). Se a perspectiva de Benesch (2012) tem fundamento, a reflexão geográfica pode encontrar relevantes contribuições ao se aproximar da obra de Thoreau.

## 4.1 Por caminhos interdisciplinares

A via interdisciplinar proporciona inúmeros caminhos para o estudo do pensamento thoreauviano. Relações entre a formação moral e o espaço, por exemplo, foram brevemente esboçadas neste estudo a partir da interação entre a liberdade e a harmonia e regeneração providenciadas pelos ambientes naturais. Retomando-se as contribuições de Thoreau para os estudos do lugar, pode-se pensar, também, na relação entre os ambientes naturais e a caminhada na constituição do sentimento moral. Na obra *Caminhar, uma filosofia* (2010), Frédéric Gros realiza uma revisão ampla da presença das caminhadas na vida e no pensamento de filósofos e artistas, demonstrando o impacto de tal prática na formação das ideias e do caráter pessoal, e associando-a à liberdade.

Para o autor, a relação entre liberdade e caminhada se apresenta em três níveis. O primeiro diz respeito às caminhadas breves, que promoveriam um sentimento de liberdade suspensiva, dada pelo desvencilhar-se momentaneamente da rotina e pela percepção da dependência do conforto. O segundo momento, produzido a partir de caminhadas mais longas, traria a liberdade-vertigem, ou seja, o desejo pelo rompimento com convenções e a busca por algo novo, de escapar não de uma identidade, mas da própria ideia de identidade. Por fim, dada pelo desprendimento total das demandas, expectativas sociais, e mesmo do tempo, surgiria a “mais alta liberdade”, a liberdade renunciante<sup>25</sup>. Além do aspecto da liberdade, o autor também relaciona a caminhada à experiência do espaço, dado que solitariamente e em silêncio se pode ouvir o mundo de

---

<sup>25</sup> Referência à metáfora das quatro etapas no caminho da vida que o linguista alemão Heinrich Zimmer extraiu da filosofia hindu: de manhã, se é aluno, aprendiz; é o momento de receber; ao meio-dia, se é adulto, que administra, se submete às obrigações e convenções e as cobra dos demais; posteriormente, no entardecer da vida, quando os filhos assumem o papel de adulto, abandona e rejeita os deveres sociais, as obrigações familiares e econômicas; trata-se de momento de recolhimento, de “familiarizar-se com o que, desde sempre, permaneceu intato em nós e espera ser, para nós próprios, despertado: esse Si mesmo eterno, que transcende as máscaras, funções, identidades, histórias”; por fim, a etapa do peregrino, da “coincidência entre o Si mesmo sem nome e o onipresente coração do Mundo”, quando há uma renúncia total, um desprendimento perfeito, a mais alta liberdade (Gros, 2010, p. 16).

fato ao invés dos códigos que o traduzem (Gros, 2010). A caminhada, assim, descortinaria o espaço atrás do espaço, que falaria por si.

Se por um lado esta abordagem trata de uma interpretação já marcada no Romantismo, simbolizada por Caspar David Friedrich com seu *Caminhante sobre o mar de névoa* (1818), por outro pode contribuir também com a recente abordagem fenomenológica em Geografia (Relph, 1985). Em sua abordagem existencialista do espaço, o geógrafo francês Eric Dardel (1899-1967) apresenta o conceito de geograficidade, definido como a manifestação das relações entre espaço e indivíduo que são anteriores a qualquer investigação, a “base’ a partir da qual a consciência se desenvolve”. Para ele, inspirado por Heidegger, “que mostrou que há algo de inexprimível e obscuro nessa relação fundamental com a Terra” (Dardel, 2010, p. 42), a percepção espacial permite intimidade tal com a realidade geográfica que “revela a natureza das coisas sem a mediação da consciência” (Dardel, 2010, p. 39).

Thoreau teve bastante interesse pelas caminhadas, como atividade pessoal para reflexão e interação com o ambiente e também como tema para seus escritos, tanto que *Caminhada* é considerado o primeiro tratado filosófico sobre o tema (Gros, 2010). Ademais, para Williges (2017, comunicação oral), as caminhadas de Thoreau são uma forma privilegiada de cognição moral corporificada, com foco sobre a vida no presente e a renovação constante do indivíduo. Nesse sentido, e dadas as associações de Thoreau entre caminhada, liberdade e natureza, pode-se questionar em que medida Thoreau talvez antecipe esta componente existencialista do espaço, ou ao menos contribua para o aprofundamento de seu entendimento. Além disso, podem surgir dessa reflexão formas pelas quais espaço e consciência se relacionam na efetivação da liberdade individual e coletiva em Thoreau, possível caminho para aproximar as contribuições do autor com o conceito de lugar por meio de uma abordagem interdisciplinar, como sugeriu Oakes (1997).

Thoreau buscava unir poesia, filosofia e ciência na compreensão da totalidade harmônica da natureza, seguindo a abordagem humboldtiana (Walls, 1995). Para ele, a aproximação entre os conhecimentos e as formas de conhecer é que produziria o espírito mais sensível a apreender a harmonia do universo (Walls, 1995). O interesse de Thoreau por diversos temas e esta integração entre formas de conhecer, contudo, não é de surpreender. Ao contrário, trata-se de uma manifestação de seu tempo. À época de Thoreau, ciência e literatura eram mais próximas que hoje. O distanciamento e as barreiras atuais ainda não estavam definidos por volta de 1862 (Walls, 1995; Cavell, 1972), ano da morte de Thoreau. Esse distanciamento posterior contribuiu para o isolamento de Thoreau nos estudos de Literatura, pois colocou-o numa posição intermediária (Walls, 1995), fazendo com que ao ser objeto de interesse de uma área, dificilmente o seria de outra.

Com as demarcações de limites entre as áreas do conhecimento, parte do treinamento básico do cientista passou a consistir na inibição de intuições que impliquem confusão de fronteira (espiritualidade, senso de humor, linguagem, opinião, crença, formação cultural), produzindo uma tradição 'intacta', fazendo com que 'fatos' estáveis surjam e se mantenham, a despeito da história (Feyerabend, 1977). Esta fragmentação do trabalho científico começou a ser invertida um século depois, na década de 1970, quando surgiram discursos de elogio à interdisciplinaridade como um programa científico alternativo (Pombo, 2008). É nesta década também, em 1972, que Stanley Cavell publica *The senses of Walden* [Os sentidos de Walden], instigando investigações sobre Thoreau pela Filosofia. A presente pesquisa buscou retomar este movimento, reconhecendo a relevância das obras do autor para diversas áreas das ciências humanas, com destaque à Filosofia e à Geografia, também em consonância com a obra de Walls (1995), que buscou contribuir com os estudos interdisciplinares sobre Thoreau, em especial quanto ao estudo da natureza. Manter o caráter aberto da investigação interdisciplinar enquanto se expande o foco para outros temas, como outras preocupações espaciais, éticas, estéticas, históricas

e epistemológicas, pode ser um caminho promissor na busca por aproveitar o potencial ainda pouco explorado da obra thoreauviana.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- NEWMAN, Lance. Thoreau's natural community and Utopian socialism. *American Literature*, v. 75, n. 3, p. 515-544, 2003. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/article/46636>.
- ABBOTT, Philip. Henry David Thoreau, the state of nature, and the redemption of liberalism. *The Journal of Politics*, v. 47, n. 1, p. 182-208, 1985. Disponível em: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/epdf/10.2307/2131071>.
- ALTRAN, José. Liberdade e mística em Thoreau: ato político. *Revista Último Andar*, São Paulo, n. 30, p. 264-277, 2017. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ultimoandar/article/download/34822/23889/95232>.
- ARENDDT, Hannah. *Crises da República*. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- ARNS, Heriberto. O pensamento existencial de Henry David Thoreau. *Revista Letras*, [S. l.], v. 15, 1966. DOI: 10.5380/rel.v15i0.19832. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/19832>.
- BARRON, Patrick. Spatial knowledge in "The Dispersion of Seeds": Thoreau as geographer. *Interdisciplinary Literary Studies*, v. 8, n. 1, p. 94-109, 2006. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/41209955>.
- BASSANI, Rodolfo; SIMÕES, Mauro Cardoso. "In Wildness is the Preservation of the World": Henry David Thoreau on the Relation between Human and Nature. 5<sup>th</sup> International Conference on Research in Humanities and Social Sciences. Berlim, Alemanha, dez. 2021. Disponível em <https://www.dpublication.com/wp-content/uploads/2021/12/68-1128.pdf>.
- BENESCH, Klaus. Cultural Immobility: Thoreau, Heidegger, and the Modern Politics of Place. *Amerikastudien/American Studies*, 2012, p. 403-418. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/23509544>.

BEPPU, Keiko. Thoreau: an exemplar of individual freedom. *論集 (Ronshu)*, v. 21, n. 1, pp. 1-14, jul. 1974. Disponível em: <http://doi.org/10.18878/00000568>.

BERGER, Michael. Henry David Thoreau's science in The dispersion of seeds. *Annals of Science*, v. 53, n. 4, p. 381-397, 1996. DOI: <https://doi.org/10.1080/00033799608560823>.

BERLIN, Isaiah. *Isaiah Berlin: Liberty*. Oxford University Press, 2002.

BLAU, Joseph Leon. Emerson's transcendentalist individualism as a social philosophy. *The Review of Metaphysics*, 1977, p. 80-92. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/20127018>.

CALLICOTT, J. Baird. Whither conservation ethics? *Conservation Biology*, v. 4, n. 1, p. 15-20, mar. 1990. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1523-1739.1990.tb00261.x>.

CANBY, Henry Seidel. *Thoreau*. Boston: Houghton Mifflin, 1939.

CAPRA, Fritjof. *A teia da vida: uma nova compreensão dos sistemas vivos*. São Paulo: Cultrix, 1996.

CAVELL, Stanley. *The Senses of Walden - An Expanded Edition*. Chicago: The University of Chicago Press, 1972 / 1982.

CHANNING, William Ellery. *Self-culture*. Boston: James Munroe & Company, 1843

CHRISTIE, Francis A. Unitarianism. *The American Journal of Theology*, v. 21, n. 4, p. 554-570, 1917. Disponível em: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/pdf/10.1086/479882>.

COHEN, Michael P. *The pathless way: John Muir and the American wilderness*. Madison: University of Wisconsin Press, 1984.

CONSTANT, Benjamin. *Da liberdade dos antigos comparada à dos modernos*. Versão do Departamento de História da UFMG (domínio público). 2011. Disponível em: [http://www.fafich.ufmg.br/~luarnaut/Constant\\_liberdade.pdf](http://www.fafich.ufmg.br/~luarnaut/Constant_liberdade.pdf).

CURTIS, Kent. The virtue of Thoreau: biography, geography, and history in Walden Woods. *Environmental History*, v. 15, n. 1, p. 31-53, jan. 2010. Disponível em: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/epdf/10.1093/envhis/emq005>.

DARDEL, Eric. *O homem e a terra: natureza da realidade geográfica*. Werther Holzer (trad.). São Paulo: Perspectiva, 2011.

DIEGUES, Antonio Carlos Sant'Ana. *O mito moderno da natureza intocada*. 6ª. edição ampliada. São Paulo: Hucitec: Nupaub-USP/CEC, 2008.

DUBAN, James. Conscience and consciousness: The liberal Christian context of Thoreau's political ethics. *The New England Quarterly*, v. 60, n. 2, p. 208-222, 1987. DOI: <https://doi.org/10.2307/365606>. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/365606>.

ELMANOVA, Mastura. Philosophical analysis of R.W. Emerson's "Nature" and "Self-Reliance". *Интернаука [Internauka]*, v. 7, n. 11, p. 9-10, 2017.

EMERSON, Ralph Waldo. *Nature*. Boston: James Munroe and Company, 1836.

EMERSON, Ralph Waldo. *Self-reliance*. Mount Vernon: Peter Pauper Press, 1967.

FEYERABEND, Paul. *Contra o método*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S.A., 1977.

FINKELMAN, Paul; DICTIONARY OF VIRGINIA BIOGRAPHY. Anthony Burns (1834–1862). 2020. In: *Encyclopedia Virginia*. Disponível em: <https://encyclopediavirginia.org/entries/burns-anthony-1834-1862>.

FRIEDRICH, Caspar David. Caminhante sobre o mar de névoa. 1818. Óleo sobre tela, 94,8 x 74,8 cm. *Kunsthalle*, Hamburgo.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. 8ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GROS, Frédéric. *Caminhar, uma filosofia*. São Paulo: Ubu Editora, 2021.

GROS, Frédéric. *Desobedecer*. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

HALL, David D. Antebellum Unitarianism in New England: contradictions and possibilities. *人文科学研究 (キリスト教と文化) [Pesquisa em Ciências Humanas (Cristianismo Cultura)]*, 2014, n. 45, p. 69-86. Disponível em: <https://icu.repo.nii.ac.jp/record/2595/files/03-Hall.pdf>.

- HARDIN, Garrett. The tragedy of the commons. *Science*, v. 162, n. 3859, p. 1243-1248, 1968.
- HARVEY, David. *Justice, nature and the geography of difference*. 1996.
- HENNINK, Monique; HUTTER, Inge; BAILEY, Ajay. *Qualitative research methods*. Sage, 2020.
- HOAG, Ronald Wesley. Thoreau's later natural history writings. In: *The Cambridge Companion to Henry David Thoreau*, 1995, p. 152-170.
- HOLMES, Doris. *The individualism of Emerson and Thoreau*. 1929. Tese (Doutorado) — Universidade de Boston. Disponível em: <https://open.bu.edu/bitstream/handle/2144/9951/theindividualism00holm.pdf?sequence=1>.
- HUNT, Lester H. *The philosophy of Henry Thoreau - ethics, politics and nature*. Londres: Bloomsbury Academic, 2019.
- LA BOÉTIE, Étienne. *Discurso da servidão voluntária*. São Paulo, Brasiliense, 1982.
- LIVINGSTONE, David. *Putting science in its place. Geographies of scientific knowledge*. Chicago: Chicago University Press, 2003.
- LIVINGSTONE, David. *The Geographical Tradition*. Oxford: Blackwell, 1992.
- LOCKE, John. *Dois tratados sobre o governo*. São Paulo, Martins Fontes, 1998.
- LOWENTHAL, David. Nature and morality from George Perkins Marsh to the millennium. *Journal of Historical Geography*, 2000, vol. 26, no 1, p. 3-23.
- MARANDOLA JR, Eduardo. Heidegger e o pensamento fenomenológico em Geografia: sobre os modos geográficos de existência. *Geografia*, 2012, vol. 37, no 1, p. 81-94.
- MEDEIROS, Eduardo Vicentini de. *Thoreau: moralidade em primeira pessoa*. Pelotas: NEPFIL Online: 2018.
- MEHTA, Usha. Gandhi and Thoreau. *The Indian Journal of Political Science*, 1962, vol. 23, no 1/4, p. 252-257.
- MILL, John Stuart. *A liberdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- MILL, John Stuart. *On Liberty*. Kitchener: Batoche Books, 2001.
- MORAES, Antonio Carlos Robert. *Geografia: pequena história crítica*. Annablume, 2007.

NATIONAL PARK SERVICE. *The whole land is full of blood: The Thomas Sims case*. Disponível em: <<https://www.nps.gov/articles/-the-whole-land-is-full-of-blood-the-thomas-sims-case.htm>>. Acesso em: 15 set. 2022.

NUNES SIMÕES, João Paulo. *A arte da fuga: um estudo sobre Walden de Henry David Thoreau*. 2010. 74f. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2010.

OAKES, Timothy. Place and the paradox of modernity. *Annals of the Association of American Geographers*, 1997, vol. 87, no 3, p. 509-531.

O'CONNOR, James. Capitalism, nature, socialism: a theoretical introduction. *Capitalism Nature Socialism*, v.1, n.1, p. 11-38, 1988. DOI: <https://doi.org/10.1080/10455758809358356>.

OSTROM, Elinor. *Governing the Commons: The Evolution of Institutions for Collective Action*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

PIPKIN, John. Glances from the shore: Thoreau and the material landscape of Cape Cod. *Journal of Cultural Geography*, v. 20, n. 2, pp. 1-19, 2003.

PIPKIN, John. Hiding places: Thoreau's geographies. *Annals of the Association of American Geographers*, 2001, v. 91, n. 3, p. 527-545.

POMBO, Olga. Epistemologia da interdisciplinaridade. *Ideação – Revista do Centro de Educação e Letras da UNIOESTE*, Foz do Iguaçu, PR, v. 10, n. 1, p. 9-40, 1º sem. 2008.

RAWLS, John. *Uma teoria da justiça*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

REDCLIFT, Michael. *Development and Environmental Crisis: Red or Green Alternatives*. Methuen, USA: Routledge, 1984.

RELPH, Edward. Geographical experiences and being-in-the-world: the phenomenological origins of geography. In: *Dwelling, place and environment: towards a phenomenology of person and world*. Dordrecht: Springer Netherlands, 1985. p. 15-31. Disponível em: [https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-94-010-9251-7\\_2](https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-94-010-9251-7_2).

RICHARDSON, Robert D. *Henry Thoreau: A life of the mind*. University of California Press, 1986.

ROSSI, Paolo. *Os sinais do tempo. História da Terra e história das nações de Hooke a Vico*. Trad. Julia Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SATTELMAYER, Robert. *Thoreau's Reading – A Study in Intellectual History with Bibliographical Catalogue*. Princeton: Princeton University Press, 1988.

SILVEIRA, Roberison Wittgenstein Dias da. *As influências da filosofia kantiana e do movimento romântico na Gênese da Geografia Moderna: os conceitos de espaço, natureza e morfologia em Alexander von Humboldt*. 2008. 179f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, 2008.

SIMÕES, Mauro Cardoso. John Stuart Mill: utilitarismo e liberalismo. *Veritas* (Porto Alegre), v. 58, n. 1, p. 174-189, 2013. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/veritas/article/view/12909/9032>.

STANDISH, Paul. Uncommon schools: Stanley Cavell and the teaching of Walden. *Studies in Philosophy and Education*, v. 25, p. 145-157, 2006. DOI: <https://link.springer.com/article/10.1007/s11217-006-0011-2>.

THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

THOREAU, Henry David. Civil disobedience. In: *The Writings of Henry David Thoreau in Twenty Volumes*, v. 2, Boston: Houghton, Mifflin and Company, 1906.

THOREAU, Henry David. *Desobedecendo: A desobediência civil e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

THOREAU, Henry David. Letters. In: *The Writings of Henry David Thoreau in Twenty Volumes*, v. 14, Boston: Houghton, Mifflin and Company, 1906.

THOREAU, Henry David. Slavery in Massachusetts. In: *The Writings of Henry David Thoreau in Twenty Volumes*, v. 18, Boston: Houghton, Mifflin and Company, 1906.

THOREAU, Henry David. *The commercial spirit of modern times considered in its influence on the political, moral, and literary character of a nation*. 1837. Disponível em: <https://www.walden.org/log-page/1837/>. Acesso em: 7 out. 2023.

THOREAU, Henry David. The Maine Woods. In: *The Writings of Henry David Thoreau in Twenty Volumes*, v. 3, Boston: Houghton, Mifflin and Company, 1906.

THOREAU, Henry David. *Walden*. Tradução de Denise Bottmann. Porto Alegre: L&PM, 2018.

THOREAU, Henry David. Walking. In: *The Writings of Henry David Thoreau in Twenty Volumes*, v. 16, Boston: Houghton, Mifflin and Company, 1906.

TRUDGILL, Stephen. Nature's clothing and spontaneous generation? The observations of Thoreau and Dureau de la Malle on plant succession. *Progress in Physical Geography*, v. 36, n. 5, p. 707-714, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1177/0309133312448390>. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/epub/10.1177/0309133312448390>.

WILLIGES, Flávio. *O apelo da natureza*. Palestra apresentada no VII Colóquio Internacional IHU: Caminhando e desobedecendo – Thoreau 200 anos. Unisinos – Campus Porto Alegre, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=h3IXNUZyEZI>. Acesso em: 20 abr 2021.

WORSTER, Donald. *Nature's Economy: A History of Ecological Ideas*. 2ª ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

WALLS, Laura Dassow. *Seeing new worlds: Henry David Thoreau and nineteenth-century natural science*. Madison: University of Wisconsin Press, 1995.

WULF, Andrea. *A invenção da natureza: a vida e as descobertas de Alexander von Humboldt*. 1ª edição. São Paulo: Planeta, 2016.